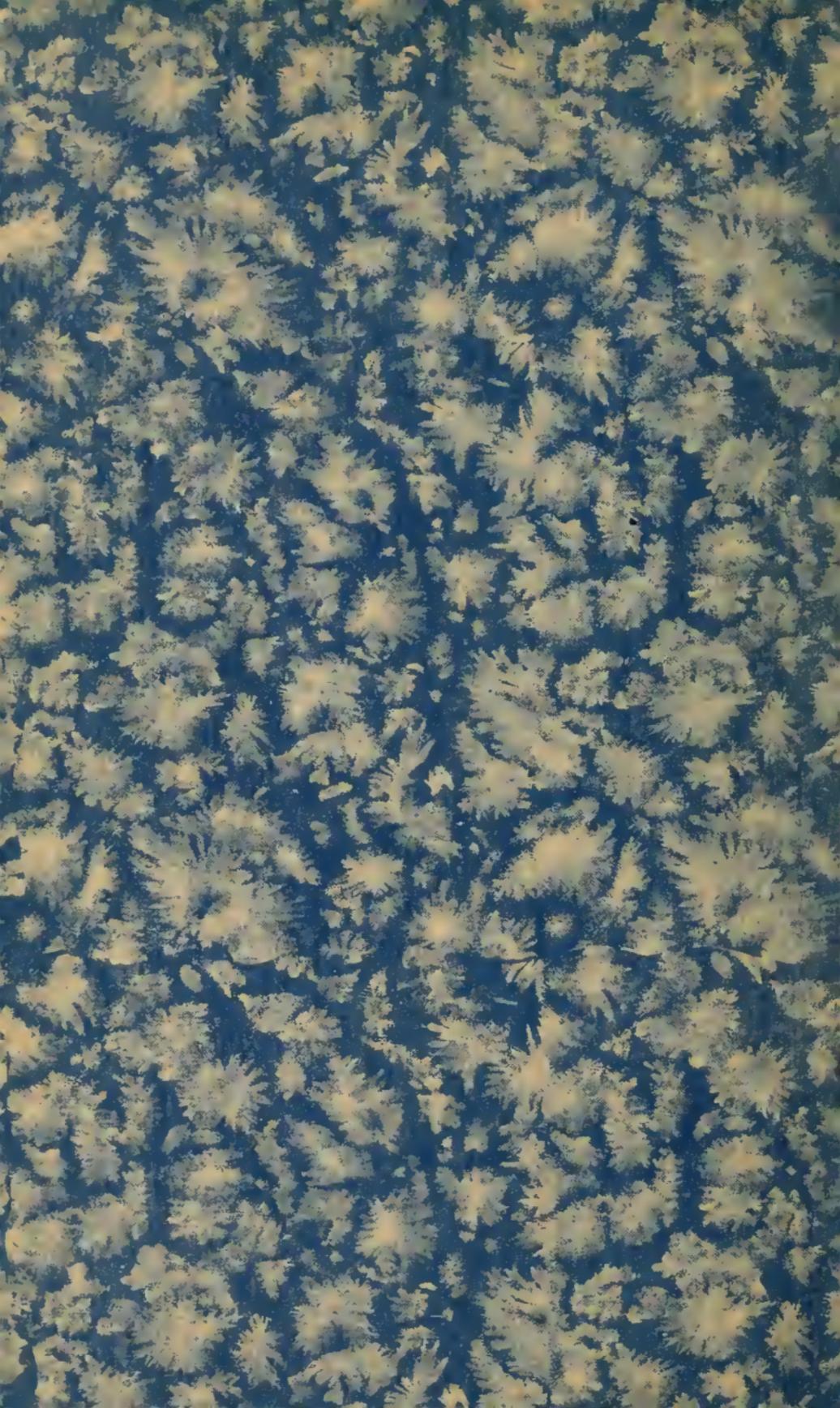




3 1761 07047932 4









Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto



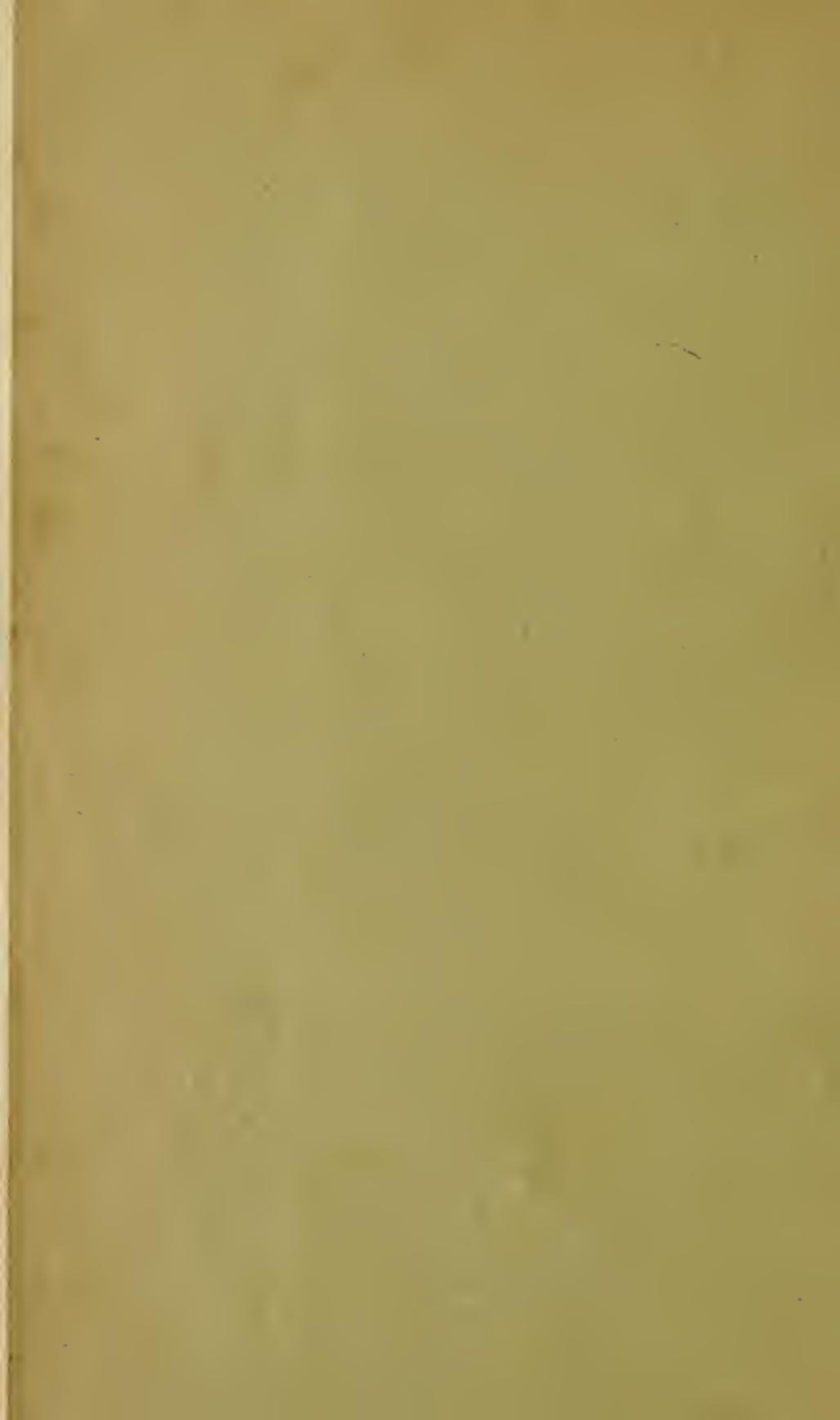
71 - p. 10 - X 33
GOMES LEAL



MEFISTÓFELES
EM
LISBOA

==
LIVRARIA
GUIMARÃES & C.^a
EDITORA
LISBOA — 1907
==

Alfredo Cunha
11/10/916.



MEFISTÓFELES **EM** **L**ISBOA

GOMES LEAL

MEFISTÓFELES EM LISBOA



LISBOA

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.^ª

68, Rua de S. Roque, 70

1907

PQ
9261
G64M44



AOS SEUS QUERIDOS AMIGOS

João Chagas

Affonso Gayo

Alfredo de Nascimento de Carvalho

Mayer Garção

Amadeu de Freitas

Guilherme de Sousa

João Bèlard da Fonseca

Antonio Aurélio

Luiz Barreto

Santos Tavares

Oferéce e dedíca

Gomes Leal

Lisboa, 4-5-905.



PREFACIO PEQUENINO

Desembarquei n'um lindo dia de Maio — límpido como a consciéncia do meu prior! — juntamente com uma risonha parisiense do *ex-baile Mabilie*, que quiz por força libar Champagne sob as lorangeiras em flor d'este baluarte heroico e azul — favorecido com os beijos das luas e das melodiósas marés, — e romantico como a esplanáda feudal do velho rei de Thule.

Com Fanchette — a dita loira parisiense que não cessou nunca de rir com os seus dentinhos cláros, — eu admirei sucessivamente, além das suas gratíssimas sombras e folhúdas ramágens — as suas esbeltas e donairosas colinas: sofrendo já um tanto de calvicia como o guerreiro Cesar, mas ainda assás sensiveis ao *flirt* dos rouxinóes.

E sem parar, sem me deter, continuei a visitar todas as suas avenidas quasi sempre ás escúras de noite (para não cançar talvez os acendedores de candieiros...) todas as suas estátuas heroicas, mas ornamentadas com cás-

cas de ervilhas... todas as suas rúas cheias de sol, mas semeadas de folhas de alface... e todos os seus *trottoirs* que ainda parecem moiros, mas onde púde constatar, com satisfação, o verde frescor das suas hortaliças cristãs.

Creio mesmo que d'estes fragmentos de alface — semeada: com tanta liberalidade pelas rúas, que parece estarem abrindo o apetite para uma saláda — é que provém aos seus pachorrentos habitantes o poético nome de *alfacinhas*.

Mas, depois de todas estas delicias sociaes, sofri como reacção desagradavel: não o prosaico enjôo a bórdo, como o divertido e estouvado namorador *D. Juan* de Byron: mas as tribulações de um barbaresco Iazarêto: os encontros e as apalpadelas das suas aduanas, onde até tentaram fiscalisar as protuberancias carnaes de Fanchette: e, finalmente, as nauseas dos seus argelinos ou marroquinos saguões da *Baixa*, que não são positivamente umas perfumarias, nem trescálam a essencias de jardins, apesar de n'elles entisicarem craveiros burgueses e papagaios reaes. Ah! quantos contrastes nos melodramas da existencia e nos saguões!...

Percorri, pois em todos os sentidos esta branca cidadésinha do Sul, que já foi uma romanesca moira encantada em tempos medievaes: mas que hoje, em vêz das rótulas e das adúfas, d'onde ella espreitava os guápos *emires*, e os *pachás*, e os *derviches*, possui umas janéllas todas floridas e estreladas de alecrins e craveiros, d'onde espreita os seus amanuenses, os seus bachareis, e os seus alféres, de cinta vaporosa e virginal espáda.

E' por que Lisboa — cáro leitor — não abdica jamais,

(como todas as pessoas do seu sexo gracioso,) da prerogativa feminina de espreitar alguém!...

Crusei pois com a maior atenção todas as suas ruas, travessas, pátios, alfúrgas e tortuosos bêcos, alguns do tempo ainda dos gôdos, dos céltas, ou dos moiros, — e os quães decerto por amor á arqueologia, — ainda continuam a ser tão tortuosos, tão gôdos, e tão moiros, como d'antes eram.

Observei, com enternecimento, tudo quanto n'este pachorrento cantinho azul plantado de laranjeiras ou de acácias em flor, me pareceu verdadeiramente nacional, tradicional, patriarcal, — e famoso. Contemplei deslisárem melancolicamente os seus amanuenses corcovados e com olheiras: — os seus poétas que aspiram apenas á morte e á paz religiosa debaixo dos cíprestes, mas quasi tão rosados como maçãs reinêtas: — os seus bachareis fecundos e verbózos, mas que reservam os seus discursos só para a hora suave dos pudíns: — e finalmente os seus alféres, que dizem estar tão preparados para as batalhas campaes da Pátria, como para as do Amor, quasi todos tuberculózos e de lunêtas.

Contemplei enternecidamente o Tejo de cristal e os pretinhos de S. Jorge... o Homem de ferro do Corpo de Deus e a feira da lãdra... o gazómetro dos Jeronymos e a architectura extranha da Casa dos Bicos e do Cunhal das Bolas. Desbarretei-me diante dos círios aguardentados da Atalaia e da Senhora do Cabo... dos Conselheiros do Tribunal de Contas e dos archeiros da Casa Real... e tudo isto, leitor, com aquelle chinez respeito que todo o *touriste* têm pelas reliquias, as múmias do Passado, e as cebôlas do Egypto. Mas depois de haver tu-

do isto bem admirado, contemplado, e encarecido: depois de me haver bem extasiado, sorrído, tossido, cuspidado e até embasbacado deante de todas estas cousas históricas, gôdas, celtas, romanas, mosarâbes, bysantinas, e até do tempo das princesas do Moirama, assentei-me uma certa tarde de Agosto, ao sol pôr, n'um banco do Terreiro do Paço — o antigo e vetusto *Cães das Colúnas* — como um burguez do tempo da *Casa Vinte e Quatro*, desdobrando o seu lenço encarnado. E ali, aspirando as brizas salgadas do Tejo, tive occasião de admirar ao mesmo tempo a architectura pombalina, um tanto pezada como uma cervejeira holandesa, e o Arco da Rua Augusta, cujo relógio, coitadinho! é surdo e mudo de nascença: a estatua equestre de um cavaleiro real, que saía a passear sem lúvas: e a bizzarria um tanto melancólica, desolada e pelintra, de um velho torreão feudal, todo construído de papelão caído, e pretendendo imitar um granito veneravel e histórico; mas que está bastante achavascado pelos granizos e os temporaes, semelhando uma ruína de magica de Manini.

Pobre imitação vulgar, chué, e baratinha!... Misero torreão feudal de cartonagem escalavrada e encardida!...

Não, eu não me rírei de tí, palavra de Mefistófeles!... Tu és tão lamentavel no teu burlesco aparato, que te evádes ao Riso. Pelo contrario, bofé! creio que, se eu fôsse lusitano, uma lagrima orvalharia e humedeceria os meus velhos bigodes sarcásticos!... E' porque tu, misero torreão feudal de magica, n'uma cidadéla de heroes, és um símbolo lutuoso. — E's pungente como Milton cégo, com uma

pála nos olhos, apregoando cautelas: és trágico como D. João de Castro, vestido de *clown*, e a dar cabriólas.

Não creias porém, depois d'isto, caro leitor ! que eu escreví um livro esvurmendo sangue e pús, como um melodrama do Código Penal. O que vâes lêr é uma cantante enfiada de risadas cristalinas, como que trinadas por um endiabrado pagem alegre, mascarádo de setim côr de fogo.

E' como que um éco das casquinadas argentinas, que tu tens escutado, por vezes, ao despertar de um sonho, ou de uma embriaguez deliciosa, depois de uma folia de baile de mascarar. E' um lívrinho encantador, feito para te desengugar e desenfastiar dos poetas que padecem de figado, e que querem meter-se a frades. E' um pequeno album de folhas doiradas onde encontrarás, pregadas com alfinetes de rubins, borboletas químeras e azues. E' um feixe de sonetos aérios, ligeiros, volateis, graciosos, que eu escreví e dediquei a Fanchette, enquanto a deliciosa e agaiatada *gavroche* fumava cigarrilhas turcas, e esvasiava a sua quarta taça de champagne *Clicquot!*...

Ainda mesmo depois de o lêres até á derradeira pagina, não poderás separar-te mais d'elle, e não deixarás de o trazer sempre contigo: em viagem, nos comboios, nos campos, nas thermas, nas praias. E' porque elle te fará sempre rir, como um comensal alegre, que, ás horas do *absyntho verde* ou do loiro *cognac*, de charuto na boca, te conta anedoctas galantes.

Não cuides porém que elle troce das tuas virtudes simples e primitivas: que escarneça e meta a ridículo a sobriedade ou a economia laboriosa dos teus plebeus Avós:

ou que mófe das antigas tradições de honradez, de lisura, ou de mediocridade simples dos teus honrados petintaes e mesteiraes d'outras eras. Nada d'isso. Elle caricatura apenas a farfalhice espaventosa: o desastramento caricáto na elegancia do plebeu: o luxo encardido, postiço e trivial, mais burlesco do que os andrajos ou os fundílhos do indigente: o aceio problematico de muitas saias ornamentaes, que teem vinte vezes viajado — em viajens de ida e volta — ás tinturarias baratas: as pitorescas *barcas de banhos de mar*, cheias de detritos sujos e de alforrécas: e, finalmente os taes *five ó cloke tea* tão sintomáticos, e em que se encontram viscondes com títulos de bêcos pouco eufónicos, ou marquezas, ostentando nos seus brazões, recantos de hortas pastoris, bicas nacionaes, e chafarizes.

E não é somente isto, ó *vanitas vanitatum!* das cousas terraqueas. E' a dissimulação constante, aí de mín! nos diplomátas e nas pernas das bailarinas: nos — generos alimentícios e nos sorrisos dos confeiteiros: — nas elegias melancólicas dos poétas, e nas tranças postiças. E' a comedia da ostentação em certos palácios tão veneraveis! tão imponentes! tão magestosos, por fóra!... mas soffrendo lá dentro, tristemente, da ausencia de retrêtas e banheiras.

São as mulheres de fórmãs esculturaes, somente devidas aos artifícios das suas modistas: — são os altíssimos edificios de tranças côr de sol ou côr da treva, comprados nos cabeleireiros que impingem cabeladuras de pessoas falecidas de tísica e de icterícia: — é, finalmente, a contrefação da *prudência* virginal, bem estudada ao espelho, mas já

bastante suspeita e duvidosa, depois da sua quarta ou quinta queda... n'um sofá côr de rosa.

Nada mais digo em pról da minha filosofia. Acende, leitor, o teu melhor charuto... bebe um calix do teu melhor *cognac* ou do teu melhor *wiski*... corta com a tua faca de prata oxydada as folhas d'este livrinho famoso... e conhecerás quanto elle é profundo e instructivo, como um filosofo que se fêz palhaço, ou um palhaço que se fez filosofo.

Um abraço, caríssimo leitor.

Meus cumprimentos á tua esposa e aos teus meninos.

MEFISTÓFELES.

PRIMEIRA PARTE

GARGALHADAS

NO MACADAM

Historia de uma Cidade linda e dos seus feios pecádos — Os seus jardins, as suas rósas, e os seus galanteios — Os seus Alféres e as suas *Meninas da Baixa* — Os seus bachareis e os seus pianos — Os seus palácios e as suas meias sújas — Os seus esplendores e as suas Condessas de quinto andar — Serenâdas sentimentaes — A Viola da Alfama e a Guitarra da Mouraria.





DEDICATORIA A FANCHETTE

I

As pombas vôam pelo azul brilhante,
como as de Siloé, cortando o rio.

O que diria Ophélia, a etérea amante,
assentada n'um banco do Rocio?...

O que diria *Hamlet*... esse sombrio
sonhador de fantasmas, ou o Dante
anguloso, monastico, cortante,
debruçado da torre do Bugio?...

O que diria o rei de Thulé edoso,
deixando o seu balcão feudal, musgoso,
ao penetrar na Rua dos Fanqueiros?...

Não sei. Sei ó Fanchette capríxosa!
que adoro esta bahia voluptuosa,
... e hei de aquí resonar mezes inteiros!

II

Aquí é a terra dos jardins felizes
como os pintou Camões... *sem deusas núas!*
É canteiro das rósas e dos lyzes,
dos rouxinóes e do gentil D. Fúas.

Não abunda o *foie gras*... mas ôstras crúas,
estólas, catedraes, sobrepelizes.
Crescem aquí, na alma, ervas, raizes,
como em ruínas e desértas rúas.

Aquí, a alma engórda como um páto,
como um capão católico e beáto,
ou douto abáde que ama o latim só...

Vem, ó Fanchette das *coquettes* sáias!
sob estas frescas e pagans olaias,
... e entre estes loíreiráes, *fazer ó-ó!*

III

Músa do asfalto! Astro do *boulevard*!
olvída aquí os bailes do Mabile.
Qual no bósque, a princeza Flor de Abril,
aquí te apeia... aquí vêm dormitar!

Esquéce, esquece a lúá do *trottoir*!
Olvída as ceias no *faubourg* gentil,
no *Moulin Rouge*, e esse prazer subtil
— de ouvir as rôlhas do *Clicquot* saltar!...

Esquéce as sãs risádas cristalinas
d'essas bohémias ceias néo-latinas
de ostras crúas, Bordéos, e o deus galan.

Cóbre as tranças com cinza dos Ascètas!
Põe-te a mágnos jejuns de piruêtas.
— Saudêmos o Magriço! — Adeus *can-can*!

LISBOA! LISBOA! LISBOA!...

Lisboa! terra azul que ama a andorinha,
e onde aportou Ulysses, diz o Myto,
a vêz primeira que te ví Rainha
das Agoas. . . , jantára eu lingoádo frito!

Remordia entre os dentes um palito,
quando no hiáte em que eu casmúrro vinha,
se agarra a mim um bicho da cosinha,
e clama, o Tejo! o Tejo!. . . Que bonito!

Decerto és linda, sim, ó Moira, ó Fáda,
nos laranjaes e as agoas reclinada,
nos jardins, nos cristaes, no teu Castélo!..

Mas, na mourisca e medieval Alfama,
lembras-me Vénus calcanhando lama,
— mostrando aos rouxinóes... *vilão chinélo.*

A VIÓLA DA ALFAMA

Vióla triste da feudal Alfama,
berço gôdo de heróes que amáram riscos!...
Lisboa põe-te ao peito, e canta e exclama,
— como nos tempos dos soláos mouriscos.

O môço Egas Moniz, sem tons ariscos,
aquí ternos soláos tangeu à dama,
por esses turvos bêcos da moirama,
em que hoje há vís alfúrjas com petiscos.

Básta vezes aquí os arrabís
dos Infanções, Gardíngos, e Alvasís,
se desatáram em chorócos ais..,

para as adúfas das precíócos moiras,
as quaes *namoriscávam* como as loiras
— e piscávam seus olhos orientaes.

O TÉJO DE CRISTAL

Ó Rio côr de anil! que o tenro infante
ouve chamar *espelho cristalino*,
quanto assunto não déste ao Rosalino,
quando canções tecia á vêsga amante!

— Ó rio afável como á tarde um sino!
— Rio amoroso como a *Ignez galante!*
que vêzes, a um piano relinchante,
eu ouvi tanto máo alexandrino!...

Com a mão no nariz, n'um barco á vèla,
quanta noite, ao luar, Fanchette, a bella,
me disse a rir: — Que arômas do Indostão!

E eu tornava, mui dôce, em vóz macia:
«— Não são arômas dos jardins de Armia!
— São essencias das rósas *do saguão!*»

O LAZARETO

Com loira parisiense que sorria,
com ar *mignon*. . . entrei no Lazarêto.

— Bem lazarenta é tal hospedaria!

— As camas são mais duras que um espêto!

Penetrei gordo aqui. . . saio esqueleto. 1

Cada ôvo um tostão! Por uma enguía,
dúas boláchas, salpicão, letría,
dispendeu dois milhões um *rajáh* preto.

Se eu não fosse um diábo bom rapáz,
namorador, folião, trocista, audáz,
amigo do bom vinho e o travesseiro,

o meu furor seria sem limite. . .

Arrasáva a tal chórdra a dinamíte,
— e enforcáva o ladrão do dispenseiro!

UM EQUIVOCO NA ALFANDEGA

Parecia o D. Quixóte na magresa,
quando saí da tal baiúca insana. (1)
Torci pois meus bigódes á francesa,
já que não tinha ao lado a durindána.

N'isto acorrem sujeitos da Aduana,
—cavalheiros de mágna gentileza—
mas que ás málas se agarram com tal gana,
quaes tubarões ou jacarés á prêza.

Mas o péor foi quando n'esta liça
pretenderam sondar a anca roliça
da garbósa modista de Paris...

Houve risos, galhófas, turbamúlta.
Julgavam que a Fanchette tinha oculta
... uma caixa de *havanos* nos quadris.

(1) O Lazareto.

OS SENHORES DA ARCADA

Entreí na Arcáda, de bigode aos ventos,
de braço dádo com Fanchette, a loíra . . .
Correm logo a abraçar-me novecentos
precláros figurões que o Milhão doíra.

Mefistófeles cá! Oh! que tesoíra!
que línguinha de prata! . . . bradam centos
de côcos, de plastrons, de turbulentos
bigódes, barbas ruívas de cenoíra.

Vi-me em pancas! Chuchei milhões de beijos,
de abraços, de apertões, chístes, motejos,
convites a sarãos, dítos argùtos . . .

Mas, apóz um tão íntimo cavàco,
achei-me sem carteira no casàco,
—sem relógio... Fanchette... e sem charútos!

SERENADA
NA RUA DOS FANQUEIROS

Fanchette noticiou-me em tons guerreiros,
que um *attaché* ousára arrebatá-la,
e agora tinha albérque, alcôva, sála,
na mui pacáta rua dos Fanqueiros.

Corro á noite, a extasial-a com pandeiros,
com guítarra que as almas avassála,
com aís de flauta que tristeza exála,
com castanhòlas... trombetíns festeiros.

Não se enxérgam senão pelas janélas
candéias, lampeões, rôlos, e vélas,
barretes de dormír, cáras com rúgas...

São bojúdas Mamans, surprêzas, gratas,
d'olhos em alvo, ao ouvirem serenátas
... na rua das ceroulas e as peúgas!

A CASA DOS BICOS

Tem o Egypto as Pirâmides gigantes.
Tem Roma o Vaticano e painéis ricos.
Tem Lisbôa os archeiros hilariantes,
mais a casa estrambólica *dos bicos!*

Fanchette quando viu taes mafarricos,
deu gargalhadas taes e abracabrantes
que emparveceu tres loiros estudantes,
tres bachareis... tres chantres... tres burricos.

O autor d'essa atróz semsaboria
d'essa *Alhambra bicúda*... certo havia
de sêr por tróça iluminádo a rôlo!

Nos días do meu Tédio fastiento,
passo ali, a caválo, a tróte lento,
... e río como um *clown* sem miôlo!

AS RUAS DA BAIXA

Gósto da *Baixa* e inda mais do entôno
com que a exaltam dentistas muí sisúdos!...

— Seus passeantes teem ar de cabeçudos!

— Alguns parecem tropeçar com sôno!

No Rocio ha um heróe que avesou trôno,
mas que hoje móstra ser rei dos canúdos! ⁽¹⁾

Na Alfama medieual, bêcos bicudos
lembram moiro aduár, por céo de outono.

Nas ruas enxameiam hortaliças,
repôlhos, *billets doux*, tranças postíças,
e até feijões do loto e voltarête...

de tal guisa, leitor, que o meu namôro
viu-me falhar um pé, e ao seu rir d'ouro,
— esfreguei o nariz n'um rabanête!

(1) Este monumento já foi demolido. — G. L.

OS PASMADOS DAS ESQUINAS

O *lazzaroní* em Nápoles calmósa
dorme ao sol qual lagarto entre ruínas...
Aqui, n'esta cidade, nas esquinas,
uma turba se encósta assás curiosa!

São os *pasmados*... multidão ocíosa
que passa a vida a vêr passar *meninas*
da *Baixa*, com olheiras, mui franzinas,
mágras, *tez de lombrigas*, vóz nervósa.

São pelintrões alguns, outros casquilhos
de rosa chá ao peito e com fundilhos,
de bôca hiante, á esquína d'uma práça...

Que ofício ou que arte teem?... São cangalheiros,
sacristães, ou palháços, ou coveiros?...
Teem um ofício só — é *vêr quem passa*.

SUAS EXCELLENCIAS,
OS POLICIAS INCIVIS

Soirée de gala — Rósa chá ao peito,
vou com Fanchete á noite, aos *cavalinhos*.
Cása cheia — Um peralta sem respeito
pisa à Fanchette os niveos sapatinhos.

Ergo o *muchácho* ao ar com graça e geito,
mas sem lhe amarrotar os colarinhos,
quando, n'isto, um polícia alto e perfeito,
bóta-me a vóz de prezo! sem carinhos.

Mando o polícia ao tecto do teatro.
Correm logo ao motim mais tres ou quatro.
Fanchette chóra como o rio Pó...

Por fim lá foi, cheirosa à *veloutine*,
mais eu, de rosa chá, lúvas, *badine*,
— as pulgas visitar do *chilindró*!

PREGÕES MATINAES

Passo ás vezes na cama um dia inteiro
de pápo para o ar, como um madraço...
fumando qual filósofo ou palháço,
— sem mulher... sem cuidados... sem dinheiro!

É de manhã então que me é fagueiro
ouvir trinar no cristalino espaço
um pregão mais macio que um regáço,
que se esváe a carpír... como um boieiro...

De manhã é que passa a leiteirinha,
com seu pregão chilrádo de andorinha,
passam varinas de gargantas sãs...

E ao escutar taes cantantes semifúsas,
eu creio que oiço ao longe as frescas Musas,
— a vender úvas e a pregoar maçãs.

A MENINA DO REGIMENTO

I

Deitei-lhe o meu monóc'lo, ao passar, certo dia,
no meu baío trotando e com meu ar *galan*.
E essa bôca gentil, côm de rósa, sorria,
— e escreveu: — *Amanhã!*

II

Mais tarde requestei-a, em casa. O seu papá
afirmou-me: *E' a mais leal d'entre as mulheres!*
Porem, quando saía, encontrei n'um sofá,
o *kepi* d'um alféres.

III

Certa noite, ao luar, corria meiga a brisa,
no jardim osculei o seu labio tremente.
— Eis que pé ante pé, sobre areia deslisa
o vulto d'um tenente.

IV

Uma tarde,—éramos Abril—ouvindo um canto grato
do seu piano aos sons, premí-a ao coração.
Eis que, n'isto, lhe cae do corpete o retrato
d'um guápo capitão.

V

Outra noite, jogando o *écarté* comigo,
cae-lhe uma carta ao chão. Abaixo-me, que horror!...
Vejo o seu pé gentil, qual aliado amigo,
sobre o pé do major.

VI

Quando foi S. João — ha datas bem funéscas! —
queimou morteiros mil, com dragões e com pombas.
O' Céos! rugí então: — Ama o general Festas!
pois já gosta de bombas!

A VISINHA DO CANARIO

N'outros tempos morava ali defronte
certa loiríta de sorriso aládo,
cujo canário vinha ao meu telhado,
fugído, gandaiar, qual réo a monte.

Corria a bela — o pejo sobre a fronte —
risonha, a reclamar-me o estroina amado,
e os beijos que eu lhe dáva éra um trinado
d'arias em «*si bê-mol!*» . . . Quem ha que os conte !

Eis cae na asneira de morrer o loiro !
E lá se vai o *flirt!* . . . O meu tesoiro
no fim do mez, procura outros larários.

Nunca mais beijos dei na tal pequena.
Porque morreste ó bicho? — Forte pena,
que o Pae Abrahão não fosses dos canarios! . . .

O PUGILATO ORTOGRAFICO

Saía a tasquinhar uma banana,
e a assobiar o *Barba Azul*, contente...
quando um homem de farda, e outro á paísana,
se esmurram e assopápam rijamente.

Ferro pelo cachaço o mais valente,
o qual me diz com cólera e com gana:
— «Saiba o senhor que esta guerreia insana
«é toda por um *chicharo* somente!

— Um *chicaro*! guincha o outro mais trigueiro
que tinha as omoplátas n'um pandeiro,
e em sarrabúlho as ventas e o nariz...

«Maroteira mais pícara não ha!

«Chicharo escrêvo eu, com *ch*.

— *Ousa escrevel-o este maráo com X.*

O CHIÁDO

Quem váe a algum museu de zoologia
vê empalhádos animaes ex̄tranhos,
vê Orangos de todos os tamanhos,
contempla os reis de toda a bicharia.

O estrangeiro que apóрте aqui um día,
e pretenda estudar lúsos engenhos
frequente as praias e estações de banhos,
—o Chiádo, a Avenida, a Mouraria.

Instále-se sobretudo no Chiado,
e fumando um bom *bréva* de cruzado,
trincando no Baltrésquí um pão de ló...

verá o ramo único e curioso
do Macaco celtibero famoso:
—o *Simio*—*hipocondriaco*—*liró!*

A AVENIDA

Isto sim! Que amplidão! Que azul! Que ar!
O cérebro que isto ideou, não era ôco!
Narram que foi um confeitreiro amouco,
que tal obra empreendeu alta e sem par.

Ilustre homem devéras singular!
mão grado o povoleo têl-o por louco,
pois se a empreza foi d'elle, o *boulevard*
—foi, juro! o seu melhor pastel de côco!

Este heroico e glorioso confeitreiro
déve ter uma estátua e um bom letreiro,
que ás turbas réze, em lapidar teor...

«*Donzêlas que vagueais n'este arvoredó!*
este alvitre escutae, muito em segredo:
— *Enchei de assucar o pastel do Amor!*»

A SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Entreí nas salas com Fanchette, a *chic*,
luzindo sedas caras, dando-se ares...

— Vi salas mui pomposas, vi bilhares.

— Vi cem mapas de Angòla e Moçambique.

Vi dois chinélos do *precláro Henrique*.

Vi frèchas de selvagens singulares.

Quanto a mapas vi centos... vi milhares...

— sempre a exaltar as tradições de Ourique!

Peguei n'um táco e fui jogar, fumando.

Mas deu-me trépa mestra um tal Armando,
que eu cortejei por tão certeiras bólas.

Bráda-me, a isto, o lúso sorridente:

«Temos perdido a África e o Oriente.

— Mas não temos rivaes ás carambólas!

BRAZÕES ARTE NOVA

Os brazões da Marquiza da Flor Grata
são *cravos a florir uma seteira*.

Fêl-os gravar nas portas da cocheira,
no frontal do palacio e em toda a prata.

Fêl-os gravar na loiça e até na lata
da cosinha, no búle, e na chaleira,
no *ededron*, mais nos *sevres* da loiceira,
nas peúgas do marquez, na própria bata.

Fêl-os gravar na sua carroagem,
nas camisas mais finas do que a aragem,
nas meias côr de rosa e os travesseiros...

Mas o mais fantasista e o mais jocundo:
é que os gravou no fundo... bem no fundo...
de um vaso, onde ninguém planta craveiros.

A MENINA DOS BANDÓS

Com vastos, negros, triunfaes bandós,
chega á sacada a flôr dos meus enleios...
Que extranhos sonhos, doces devaneios,
sob azas taes, eu sonharia a sós!...

Audaz cartucho de nevados pós
lhe arrójo, e os tórno côr dos brancos seíos.
— Cerra a bela a vidraça e nomes feios
me atira com desdem, fidalga voz.

A dama que ofendeu-se de empoáda,
torna horas depois enfarruscáda,
a face côr da flôr do pecegueiro...

A final o que foi?— Diz-me a ladina
creada, que «pescou» muito em surdina,
dar-lhe um beijo o marão do cosinheiro!

O ALFERES SENTIMENTAL

I

A que ali passa... amou um certo Armando,
fino, elegante, assucarádo alferes.

—Passava a noite o alfer's namoriscando.

—Ella, dengue, esfolhava malmequêres.

Quem tem vagar, dizem que faz colheres!...

Eu na minha varanda, disfrutando,
e fumando, ao luar, de vez em quando,
—odes fasia as nuvens e as mulhéres.

Mas eis que certa noite, á luz da lua,
lobrigo coisa que ao luar flutua,
e uma voz musical que a noite acorda...

E o que é que eu vejo, o céos!—A etérea Elvíra,
com pulso varonil que um Turco admira,
—içando o loiro alfer's por uma corda!

POSIÇÃO SINGULAR DE UM ALFERES

II

De manhã, quando trina a cotovia,
da janela saiu o alfer's fardado.

— Vinham já vendilhões para o mercado.

— O leiteiro atroava a freguezia.

Devagar, devagar, o alfer's descia,
assim como, ao luar, subira içado.

Elvira, de cabello esguedelhado,
as bochechas incháva e até tossia.

Mas, n'isto, chama o pae pela *menina*.

Enróla a corda a um prégo da cortina
logo a donzella das ideaes olheiras...

Do *papá* corre lépida ao chamado.

E eis que lá fica o alfer's dependurado:

— de farda, espada á cinta, charlateiras. (1)

(1) Como se usou ja.

A MARQUEZA DO CHAFARIZ DE DENTRO

Vendeu frescas, saudáveis hortaliças,
a cheirosa hortelã, mais o coentro,
a mamã d'esta *hourí* de ancas roliças,
Marquesa ideal do *Chafariz de Dentro*.

Quando a encontro, por mais que me concentro,
não sei como o marquez, *rei dos linguíças*,
unido a fôrmas taes, rijas, massiças,
tem inda a pele, e a sã Razão, no centro.

Outra coisa também me desconcerça
na escultural e altiva D. Bertha,
Rainha dos salões e feiticeira,

carne feita de rósas e velúdo...
é ter um chafariz no excelso escudo,
e não ter no palácio uma banheira!

O PARLAMENTO

Fanchette diz-me com a voz de prata
 muí perlada, gentil, vóz de operêta:
 — Quéro ir ás côrtes! — Fala o Alvim, poéta,
 cuja eloquência d'oiro me arrebatá.

Fomos lá. Antes fosse a uma regata!
 Nunca vi n'um chinquílho o mais jarrêta
 tanto verbo em tamancos, sem jaqueta,
 — e tantos adjetivos sem gravata!

Fanchette sae de chófre toda irósa,
 e disse abespínhada e côr de rosa:
 — Não mais virei aquí! Que scenas réles!...

Todos teem — repliquei — bóta engraxáda,
 marcam bem *cotillons*, sabem taboada.
 O que lhes falta pois?... *Falta o João Félix* (1)

(1) Autor de um famoso *compêncio de civildade*.

HORAS DE SPLEEN

N'esta cidade aborrecida e môna,
passo horas de *spleen* estiraçado...
sobre um *diban*, ouvindo um máo teclado,
ou rechinar monótona sanfona.

Lembra-me então a *Infanta Magalona*,
oiço os miãos de um gato n'um telhado,
sigo o zumbido de um mosquito aládo.
— tómo *hastchiz*, morfina, ou *beladona*.

Mas n'isto, rompe o sol a névoa aquatica,
vem com capa de asperges ou dalmática,
toda d'oiro e rubins ensanguentados...

Quéro então ser Grão Turco. — E nas ventoinhas
das torres, empalar os *alfacinhas*,
— com crepes de chorões *galos pingádos!*

POLIDEZ DE UMA ALFACINHA

Amei certa mulher de tez mais fina
que as filhas de Albion de róseas cores.
— Por ella fiz asneiras, fiz horróres.
— Fui «*lambécha*», D. João, fui *pápa fina*.

Fiz-me moço de fretes e a uma esquína
noite e dia fitava-lhe os «*stores*».
— Via-a á tardinha vir regar as flores.
— Escutava-lhe a voz doce e argentina.

Certa manhã chamou-me . . . A séte e séte,
galgo os degráos aos púlos. O Macbeth,
era molle, ao meu pé, era pelíca.

Afinal bato á porta. Assóma a fada.
E diz-me n'uma vóz meiga e cantada ;
— *Vá chamar a mulher da fáva rica!*

A MISSA DO LORETO

(Da carteira de um *dandy*)

Pontualmente, aos domingos, á uma hora,
vou assistir á missa do Lorêto.

E' quando a fidalguia que namóra
vae vêr o Pae do Céu... com ar discreto.

Friso bem o bigode — E como o Hamleto
tómo o ar infausto do *bom tom* de agóra,
mas vou catrapiscando alguma loura,
fidalga, senhoril, de augusto aspeto.

A' saída, vou pôr-me em pasmaceira,
torcendo em *cróc* a minha bigodeira,
com a *badine* ameaçando o Azul...

Cravo o *lorgnon* nas pernas elegantes.
Desço logo a Avenida em trez instantes.
— amando até morrer, qual rei de Thúle!

OUTRA POLIDEZ

Uma outra vez, a rir com Sousa Gayo,
estando eu mui «liró», de rosa ao peito,
chega ella á porta e chama o seu laçaio,
que estava ao fim da rua — hirto e direito.

Esbaforido, tomo o caso a peito,
atravesso o Chiado como um raio,
na lama, por um triz, não tombo e caio,
trago-lhe o trem — e salvo-a com respeito.

O que faz a maldosa? — Com sorriso,
mais gentil que as maçãs do Paraíso,
e um geitinho especial, que éra o meu fraco . . .

Como o direi, pois que isto o horror exéde? . . .
Pôz-me nas mãos, calçadas de «suéde»
— um venenoso e tragico «patáco»! ⁽¹⁾

(1) Hedionda moéda de bronz, com a effigie de D. João VI.

S. CARLOS NO CARNAVAL (1)

Fui á Opera em gôrda terça feira,
supondo vêr o mais gentil entrudo,
crendo vêr o *dandysmo*, o chiste, tudo
mais gracióso e galan na brincadeira.

Só vi ovos, pasteis, e toicínheira,
— tudo o mais gordurento e mais chorúdo —
macular cólos, tranças de velúdo,
qual campónio enlaivando a lavadeira.

A' condessínha Alvim, que me interrôga
sobre o que penso d'esta extranha drôga,
a rir tornei-lhe, sem feições ariscas . . .

Apezar de sair com face iléza
da guerra do toicínho à portugueza,
— palavra, que acho mais decente as *iscas*!

(1) Isto deu-se no Carnaval de 1903.

AS CONDESSAS DE QUINTO ANDAR

N'este jardim plantado á beira-mar,
que nunca descreveu Paulo de Kok,
ha condessas gentis de quinto andar
que não faltam jamais a um *five-ó-cloke*.

Móra lá uma em cima. — De smóke ⁽¹⁾
anda um janóta de arrogante olhar,
fazendo cêrco à dama no *trottoir*,
em quanto guíncha a mãe que não tem cóke!

Silêncio! a béla sae — Ofúsca a vista,
com seu chapéo não pago na modista,
com rendas, plúmas, gazes, espiguilhas . . .

Mas em quanto assim lúxa a Condessinha,
a mãe rôta e pingona, na cosinha,
— fica, encrusada, a descascar ervilhas.

(1) Abreviatura aportunçada de *smoking*.

A GUITARRA DA MOURARIA

Amo a tua guitarra, ó Mouraria,
em que um *dôer* mourisco nos desóla,
e as almas, sob a lua, acarícia,
como da Alfama a passional viola! . . .

Bem galantes soláos também carpia
Sevéra, essa Ninon de *naífa e móla*.
Mas ha sangue em teus ais! . . . Tua magia
quantas vezes não traz a Cruz e a Estola!

Vae alta a lua. — Apóz a cavatina,
Almaviva, com zêlos de Rosina,
dá seis golpes na amásia, com furor.

Almaviva é marújo e de melênas.
Prisões, guitarras, ais, céo de açucenas.
—Súrge a Policia . . . e prende, em fralda, o Amor.

SERENADAS SENTIMENTAES

Veneza, essa rainha do Adriatico,
tem os queixosos ais das barcarólas,
a Hespanha cortesã, de génio erratico,
a pandeireta ardente e as *castanhólas*!

O moiro grave de albornoz dramatico
tem hinos castos como ideaes estólas.
Um fatalismo místico e asiatico
geme em seus *arrabis* . . . lúsas violas.

Da guitarrilha as lúsas cantílenas
teem maciezas de um luar de pennas,
e um misticismo d'ais sem remissão . . .

quando ellas gémem ao descer das sombras,
ou cáe a lua nos chorões e alfombras,
sonho ser Tasso . . . ou Dante . . . ou Ermitão.

O CONVENTO Á BEIRA MAR

Plantado de roseiras e de acácias

Lisboa é como um claustro á beira mar.

Não lhe faltam nem cercas nem pomar,

nem vitraes, nem capélas, nem rosaceas.

Lá da tardinha as nuvens violaceas

são os rôlos de incenso esparsos no ar . . .

O Téjo é a pia da agua benta. — O altar

é o Sol que amolenta hostís audacias.

Aquí passo entre hortensias e alfasêma,

loíreiros . . . rouxínoes . . . compondo um poema,

em que a Preguiça é céu de azul setim.

Ja rézo o terço e durmo raposeiras.

E às *Meninas da Baixa* . . . às gentís freiras . . .

já escrevo cartinhas em latim.

SEGUNDA PARTE

CARICATURAS

DO TROTTOIR

Lisboa burguesa e Lisboa romantica — As suas janélas com craveiros — *O Homem de Ferro do Corpo de Deus* e as *Barcas de banhos* — S. João, a Praça da Figueira, e a *Batalha das Flores* — Sereenáda de Mefistófeles na Rua dos Algibebees — Procissões, hórtas, e arraiães — O Visconde do *Bêco do Fála Só* — Pecadifhos galantes dos Salões.



LISBOA MATERIAL

E LISBOA ROMANTICA

Dizem que esta cidade não tem alma,
que é toda marmore, e granito, e cal...
que viu matar o Gomes Freire, com calma,
e Camões sem mortalha no hospital.

Dizem que viu um grande intelectual,
como Plauto, Marlow, Schiller e Talma
ser chamuscado vivo, em vêz da palma
dos triunfos ganhar — E riu trivial.

E' beáta. Mas lubrica e dengosa,
debaixo da mantilha voluptuosa,
tem da sultana o olhar d'aço e setim...

Mas, outras vezes, quando a lua róla,
consumições de amor chora à viola...
taes como El-Rei Diniz e o Bernardim.

AS JANELAS FLORIDAS

Lisboa teve rótulas e adufas,
no tempo de alvasís, moiros, troveiros,
mas hoje tem janélas com craveiros,
com cheirosos jasmíns, plantas d'estúfas.

Se acaso as creadinhas ouvem chúfas,
quando régam as costas dos leiteiros,
as *Meninas da Baixa*, feiticeiros
sorrisos trocam... todos mel e trúfas.

Entre o alecrim mimoso e os malmequeres,
ellas aos dengues e gentis alferes,
alí cíciam carinhosas falas...

D'alí tambem, á meiga voz das rôlas,
é que os Romeus se escapam, em ceroulas,
— fugindo dos maridos com bengalas.

A BONÉCA

A uma Menina da Baixa

E's a mais *chic* das gentis bonécas
que olhos mortaes tem visto—E's um portento,
ó cabecinha original de vento,
—desde Adão até mim que úso cuécas!

Não é pela modéstia que tu pécas!...
E quando ha procissões tens o talento,
bem sabes, de extasiar o regimento,
com seus flautins á frente, e mil padrécas

Tens frases romanescas e estudadas,
faces de rosa, ao espelho bem pintadas,
espartí lho a primor, pé de valsista...

O riso encantador!..., Quanto aos teas dentes
são, bem o sabes, uns cristaes luzentes,
—e os mais caros que tinha o teu dentista!

O DEFEITO DA BONECA

II

E' delectavel ver-te n'uma sala,
alta, direita, a prúmo, ar de Rainha,
falar de tudo a êsmo . . . ou de sombrinha,
sirandar n'um jardim que a brisa embala.

Entre os *gommeux* na ruidôsa ala,
sabes frechar a *blague* que espesinha,
e és capaz de ser magra até á espinha
— se isso fôr puff, *v'lan, chic, de gala!*

No gesto, no ar, no porte, nos frisados,
e em teus olhos azues um tanto airádos,
porque morrem os *dandys* dos cafés . . .

quér sejas triste, alegre, ou mesmo aflíta,
tu és sempre a bonéca mais catita.
— Só te falta chorar como as *bébés!*

O IDEAL

I

Junto aos chorões, na álea mais antiga
do seu palácio airoso e romanesco,
quantas vezes, da noite ao sôpro frésco,
a mim desceu, pela marmorea escada! . . .

Morreu-lhe um dia a mãe. — Orfã e isolada,
sem ter no mundo outro parentesco
mais alto do que o Amôr — foi um refresco
para a minha alma, essa alma apaixonada.

Passámos días de uma paz clemente,
passámos febres de arquejante vida,
passámos tardes, ao chilar dos ninhos . . .

Passámos noites de poesia ardente,
e inda ha pouco passou pela Avenida . . .
— com um palhaço e um cão dos *cavalinhos*.

A CONSOLAÇÃO DA MUSICA

II

Ninguém pode narrar, como eu transí
a perda atróz d'esta ilusão delida!...
Ninguém pôde exprimir como oprimida
a minha alma sangrou... o que eu curtí!

Como ronca uma onda, ou o *halali*
de uma trompa, em manhã loira e aguerrida,
assim eu rouquejei, depois, perdida,
chorei... chorei... a desleal *Mimí!*

Fiquei bastante dementado e tôrvo,
como se o canto d'aziágo corvo,
me entristecesse com toáda irónica.....

Mas qual doído Saúl que achou, portanto,
grátos consolos de David no canto,
— págo a um galego que me toca harmónica.⁽³⁾

(3) Sinónimo popular de *Harmónium*.

O PÃOSINHO DAS SALAS

Na sala augusta do Marquez das Ninas
damas fálam mansinho. — Aristocrátas
ostentam alvas, rígidás gravátas,
não desdenhando olhar para as meninas.

O etério Arthur de pernas magras, finas,
mui famoso á Guitarra e outras Cantátas,
corteja uma gentil noíva, entre as natas
das belas que teem veias azulinas.

Uma chávena oférta a Julia Alzira,
nínfa d'altos brazões por quem suspira,
e assucar deíta, erguendo o olhar ao céo...

N'isto entra e uíva o Páe esbaforido:
«Raspou-se o meu banqueiro!... Estou perdido!»
— *Mas cá estão-bráda Artur-Julia e Romeu!*

O JOCHEY

I

Da Condessinha o «jockey» loiro bife,
rosádo como a face de uma dama,
é um bom maganão... e résa a fama
que é rival de *D. Juan*» o tal patife!

Vírgem não baixará decerto ao esquite!...
E alguém afirma que á sua linda ama
terno beijinho deu, quando na cama
a «lady» lia *Anna Radcliffe*.

Não sei quem foi, que ao ja gotôso Conde
isto «besbilhotou», nem sei aonde,
— se no salão, na adêga, ou na cosinha!...

Sei só que elle roncou: «*Vil! que te escácho!*...
de estóque em punho, e que o encontrou debaixo
— do leito branco e azul da Condessinha.

DEFINIÇÃO DE SCHOCHING

II

Sacripanta! Pandilha, Víl lacaio!

roncou, irado o lord — Hei-de rachar-te!

A Condessinha, então, com mímico e arte,
melodiou, qual brisa, em flôr de Maio:

«— Milord, porque é que entrou, tal como um raio,
no meu quarto, a espumar, como o Deus Marte?...
Que desacáto ó Céos! Diga em que parte
do mundo, se viu tal?... Ai, que eu desmaio!

Responde, féro o lord, em vóz de baixo:

—«E' que este víl maráo, como um capacho,
sob o seu leito está, radiosa prima!...»

Córa a beldade, e diz, velando o peito:

Não é *schoching*» estar sob o meu leito.

— «Schoching fôra, se o pílhasse em cima!

CIRIOS E ARRAIAES

Chovem, nas procissões, rosas e lírios
sobre as Virgens e as barbas dos Ascetas.
— Ríam frescos soláos plebeus poetas.
— Armam-se nichos, mil brandões, mil círios.

Mas é facto assentádo que os martírios
dos Santos não obrigam ás diétas,
nem aos flautíns, aos trompas, aos violetas,
e aos sacristães nos seus pagãos delírios.

O sumo d'uva jorra nas tabernas.
Trócam-se frases e expansões mui ternas,
que ás vezes findam n'um atroz chinfrim.

Esmurram-se os Heródes e os Longuínhos.
E as Virgens, as Virtudes, os Anjinhos,
vão resonar . . . com Júdas, no *estarim*.

ACADEMIA DAS SIENCIAS

Entro na Academia e tiro o côco
com um respeito augusto à Assembleia
Oíço bastos discursos de mão cheia,
e um barbudo orador bastante rouco.

Tratava-se de um peixe. — Era o *charrouco*.
E eis que um ratão, com ventre de baleia,
manda-o escrever com X. — Com cara feia,
outro respinga que acha um X bem pouco.

Depois de tão drolática eloquencia,
disse-me um sabio, então: — Vossa Excellencia,
não acha á Academia um raro *fundo*? . . .

Trávo do côco e berro com voz forte:
«Acho-a dama conspícua, e de tal póрте,
— que nunca d'ella dirá nada o mundo!

O MARTINHO

Tu Marcellas éris ! . . .

— Pelas reliquias ancestraes das Mónicas!
 — Pelas roupas vetustas do Roupinho!
 eu berrei — quero entrar pelo Martinho,
 e contemplar os Imortaes das crónicas!

Entrei e vi déz bancas macarrónicas,
 vi déz politicões sós n'um cantinho,
 tomando um copo d'agua e um palítinho,
 falando em Néro e orgias babilónicas.

Fiquei banzádo e disse ao ruivo Ernesto,
 muito casto e a papar um bife honesto:
 — Aquí juntou Noé os bichos da Arca!

Mas elle tornou cávo, augusto, esguío:
 Frequenta este Museu um lustro a fio.
 — Serás *Ministro*, *idióta*, ou *Patriarca*!

A VENUS GÁGA

A que ali passa de bandós côr de oiro
é branca e vaporosa... mas é gaga.

—De longe a ameí, sem lhe saber da praga.

—Milhões d'asneiras fiz, qual pagem loiro.

No entrúdo mascarei-me de Rei Moiro,
púz um branco turbante e rica adága,
e, n'um baile *masqué*, suando em bága,
chamei-lhe: *Essencia!*... *Flôr de liz!*... *Tesoiro!*

Mas qual não foi meu pasmo transcendente,
quando eu ancioso estava, e até fremente,
de a ouvir como á Hermengarda o monge Euríco...

e a escúto, assás dengósa, melodiando:

—a *Titi Cagolina* está *bufando*.

—*Só qué, p'ra eu cagá, um homem guíco!*

UM FIDALGO BEATO

O que ali váe é duque e diplomáta.
Anda sempre em Te-Deums e sacristias.
Láva a cara e o nariz onde hajam pias
d'agua benta, das quaes sempre anda á cata.

Certo día, porem, — ó sorte ingrata!
o Nuncio que ceáva lá fatias
com manteíga... bom chá... empádas frias,
fez á Duqueza uma bichinha gáta.

Eis, n'isto, irrompe o duque, e búfa e brama,
vendo o Nuncio estirádo sobre a cama,
e em posição nada civil, guápa...

— Que faz aquí, rugiu: Vossa Eminência?...
Torna-lhe o Nuncio, com real clemência:
— Trágo-te a benção que mandou o Papa!

O SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA

As lisbonenses teem olhos frécheiros
que ou dizem languidez, óra negaça,
que incendeiam honestos confeitheiros,
e os sacristães lá do Senhor da Graça.

Ali vão a donzela e a já carcassa,
alfer's doces como aís e assucareiros,
attachés dengues... nobres mui roqueiros,
bigóde em *croc*... sangue azul de ração.

Chispam ali os olhos acendidos
pela Carne, a Paixão, pelos Sentidos,
que substituem caixas do correio.

Só falta um gabinete mais profano,
com leito, com divans, e com piano,
... para expansões azues do galanteio!

S. JOÃO -- ALCACHÓFRAS
E MANGERICOS

As festas a S. João tão populares
fazem lembrar-me a hebreia Salomé,
quando errei da Judea entre os palmares,
... e ainda não florescia o *balancé*.

Ardem mil alcachófras em cem lares,
a cada esquina se arma um salsifré,
nos salões pastoris, batendo o pé,
baílham, cantando, os amorosos pares.

Fanchette que ama o folgasão ruído,
brindou-me com um cravo assás florido,
mas com tróva de musa muí rasteira...

Aceito! -- eu disse -- o teu cravinho rôxo.
Mas lírismo, meu bem, babôso e côxo,
—antes o rol da minha lavadeira!

AS BARCAS DE BANHOS

Funchette, ao vêr, no Tejo, umas barçaças,
com letreiros berrantes quaes coristas,
com bateís pintadínhos... com banhístas...
lógó quíz vêr, por dentro, as lindas graçaças.

Não eram feías não—Tínham vidraçaças,
tínham meígo piano e até valsístas,
e exhibíam tambem uns guitarrístas,
uns de bígodes, outros de barbaçaças.

Mas Fanchette, que achou os banhos sújos,
com ôstras, alforrécas, caramujos,
e outros gentís molúscos que eu bem ví . . .

tange a valsa das *Rósas* ao piano,
e aos da Barca, díz ríndo, em tom magano:
—*Onde se láva, quem se banha aquí ? . . .*

O MEU VISINHO SACRISTAO

Adeus meu lar! adeus tenras paisagens!
que eu da janéla olhava ao Sol poente!...
Adeus alcôva que o meu Estro ardente
povoou de mil sonhos, mil imagens!...

Adeus mil andorinhas, que as folhagens
alegraveis, chilrando, á luz nascente!...
Trastes, bancas, sofás, em continente,
galegos vão levar a outras paragens.

Eu, que cuidára aqui, entre as paredes
d'este meu lar morrer, sem ter as sêdes
do Champagne, o *foie gras*, do voltarête...

vou deixar-vos, visões do meu larario!
pois que móra, ao meu pé, um salafrario,
— um sacristão que tóca ciarinête.

O MESTRE DE ESGRIMA

Aquelle mulatão de ganforina
erriçada e que lembra a carapinha
de um negro do Bihé—diz-me a visinha —
que é «*bom vibrant*» e toca concertina.

Jogo do páo e do florête ensina!...
O figurão tem lábia, o «*apomb*», a *línha*!
Mas, por pagóde, um aio da Rainha
fez-lhe, uma vêz, presente de uma tina.

Vai ao palacio de um fidalgo á noute
dar-lhe lições de esgrima—E quem se afoute
a d'isto mal cuídar, dirão que é pêta...

Com os fidalgos ceia, jóga, abanca.
E, enquanto améstra o esposo na arma branca,
— améstra a fidalguinha na arma preta.

O ALFERES CINTURA FINA

Na mui pacáta rua dos Fanqueiros,
marcha uma guarda ás horas matutinas.
Eis que, em cabelo, acorrem as meninas
da musica auroral aos sons guerreiros.

O Alféres que é a joia dos solteiros,
põe em chama essas frescas musselinas,
com o bigode ideal de sedas finas,
e a cintura que lembra os jasmíneiros

Certo dia, porem, indo na guarda
o militar gentil, e o sol em barda
chispando no espadim com *loiro* brilho...

a estroina morgadinha de Miranda,
gritou-lhe, ás risadínhas, da varanda:
— Rico amor! dá-me cá meu espartilho!

O PÃOSINHO DAS PRAIAS

D'alva flanelia todo encandernado,
reluzindo o bigode á *brilhantine*,
botíns brancos, monóculo, *badine*,
— Chico Guerra, nas praias é gabado

Muito garboso e dengue — Mui cotado
na alta goma e a finança — A loira Alíne
zomba d'elle, á *sucápa*, e apoz retine
claro rír de cristal no mar salgado.

Elle, porém, com mimo, pisa a areia,
e entre as Graças gentís borboleteia,
sobre tudo, entre o *high life* e o sangue azul.

Falam do rei Eduardo de Inglaterra.

«Conheço-o muito bem! diz Chico Guerra.

— Tomei sóda e limão, com elle, e o Pool. (1)

(1) Celebre alfaite inglêz.

MANIA DE GENROS RICOS

Fui um dia, pedir em casamento,
— tinha a venêta então do matrimonio!
uma sereia loira.— Oh! que portento,
mais linda que as Sereias do mar Jónio!

Mas os paes, que cuidavam-me um bolonio,
mau grado o olhar gaiato e o atrevimento,
perguntaram-me em tom bem pouco ausónio:
— Qual é o seu emprego e o seu provento?

Amo as Musas! ronquei com ar peralta.
E hei-de ascender a posição muito alta.
— Muito alta!... e erguí ao tecto a magra mão.

— Aspíra então decerto a ser ministro?...

— Não senhor! regouguei, com ar sinistro:

— Vou subir, com dois tigres, em balão.

O AMANUENSE

Aquelle é o magro Arthur dos ternos *fados*
lívido, ossúdo, de quem ri a Páca,
que cúrte — lacrimal *manga de alpaca!* —
preso á fome e á carteira, máos bocados.

Certa noite, n'um centro de estouvados,
berrou-lhe um: — Não te cansa essa *matrâca*
de andar vergado ao Chefe, á sopa á vaca?
— Que farías, com dez milhões bem grâdos?...

O triste Arthur, o olhar feito um brazeiro,
matutou quasi uma hora, qual gageiro
que vê brilhar coraes, entre recifes...

Depois, gemeu como quem chóra Troia:

«Ia sempre ao emprego de *típoia*.

— Passava um ano inteiro a papar *bifes!*»

OUTRA MANIA

Outra vez, ao Burnay — *Sangue di Bácio!* —
esmola foi pedir rôto mendigo.

— Só levava o Burnay cheques comsigo.

— Conde! bradei-lhe a rir: — Tome um *patáco*.

D'ahi corro a pedir, que era o meu fraco,
a mão de uma outra bella, que não digo.
Pergunta logo o Pae, murcho qual figo,
— se eu sou rico, ou pr'a ás cifras tenho cáco!

Se eu sou rico?... bradei, com largo aprumo,
lançando dois ou tres puxões de fumo,
ao nariz do Ancião grave e de pé...

«Se eu sou rico!... bradei, n'um riso louco.

«Só lhe direi, cáro Senhor, que ha pouco
— emprestei certas massas ao Burnay!

A PRAÇA DA FIGUEIRA

Lisboa, terra da andorinha airosa,
que carpíram soláos de moiros poetas!...
na Praça da Figueira a gente gósa
o Paraizo das maçãs reinêtas.

Ali é que a Serpente sabe trêtas
para atiçar a nossa gúla anciosa!...
Ali, a colareja côr de rosa,
com *lêrias* nos depéna as magras chêtas!

Uma travessa e esbelta galinheira,
cinturinha de vêspera... agíl... frêcheira,
deu um ôvo de pomba ao meu petiz.

Penhorou-me o primor da rapariga!...
E a Praça, achei-a amavel á barriga,
ao gosto, ao paladar... fóra ao nariz.

AS COCOTTES DO PAE DO CÉO

Houve outrora um convento assás cotádo,
rendez-vous dos janotas mais supinos,
em que as Monjas, com trajos bysantinos,
faziam magno *flirt* ao Deus Chagado.

Quando eu ali ia, era amimádo
com Champagne Clíquot e pitéos finos,
doces de calda, de extasiar meninos,
bela *charlotte russe*, rico assádo.

Cristo tambem, no meio dos Anjinhos,
tinha beijos, cantatas, passarinhos,
musicas d'orgão, trinos de víola...

Nada de bom faltava nas trezênas!

Nada, por nada ser... nem mesmo as pennas
de um bom leito de molas, á hespanhola! (1)

(1) Este recolhimento foi extinto.

A CREADA VISCONDESSA

Amei certa mulher, certa prínceza
dos salões... Viscondessa mui gabada,
que, a fim de me espreitar, fez-se creada,
e agora faz-me os bifes á ingleza.

Imaginae... julgae minha surpresa,
quando, uma vez, em casa, que farçada!...
a vejo vir, mui rósea e agaiatáda,
de terrina na mão, servir-me à mêza.

Ri-me a bom rir — Mas ella muito séria,
sem mostrar nada ter com tal pilheria,
foi nas brázas deitar umas cavácas...

Põe-me os botões nas calças e as ceroulas,
e, agora mesmo, a meiga irmã das rôlas,
— na cosinha, lá está, a limpar facas.

O PAOSINHO DA EMBAIXADA

Ao chá das cinco horas da Marqueza,
acorre o que ha mais *chíc* e mais seletto.
Traz do chá a bandeja um *groom* preto,
que o Marquez trouxe da Maláca ingleza

Uma elegante e teatral franceza
as atenções atráe — O circunspeto
general Bravo, de bigode créceto,
côr de azeviche, ri . . . ri com largueza.

N'isto, entra um *attaché* magro e pedante,
de monóculo fito e provocante,
bigode em riste, loiro, mui *pãosinho*.

Como passa barão? Que larga ausencia!
diz-lhe a franceza ao entrar — Bem e Vossencia?
— Eu, *toujours*, *mal au coeur*! Obrigadinho!

A BATALHA DAS FLORES

Fui à Avenida a ver essa batalha
dos cravos, dos jasmíns, dos lírios rôxos,
e estarreceu-me o vêr que tal metralha
era um vão tiroteio dos mais chôchos.

Sobretudo sentí uns grandes frouxos
de riso, ao ver patricia já grisalha
bouquets, dengue, atirar á vil gentalha,
com gestos tristes, lacrimaes, de mochos!

Nada de vida, ação, graça, dextresa!...
Nada d'aquelle *entraîn* doído á franceza,
que o sangue faz ferver como o bom *rhum*.

Tripas de Belzebuth! Não sou de gêsso!
Portanto, como jogos de arremesso,
acho mais divertido o *pim — pam — pum!*

O *HOMEM DE FERRO*

DO CORPO DE DEUS

Hoje presenciei o gaudío das donzelas,
— mirando a Procissão que anunciaram archeiros.
Expunham as *Mamans* as colchas nas janellas,
roídas pela traça — e assombro dos fanqueiros.

As *meninas da Baixa*, anémicas, de olheiras,
pompeávam tafetás, não pagos ás modistas.
Com triunfaes bandós, com fitas, com romeiras,
tentavam incendiar peitos de capelistas.

Lá vi S. Jorge emfim. — De capacete e lança,
tremia como alguém que sente grande abalo.
Ora adiante, ora atraz, dançava certa dança
que S. Vito dançou — mas sem ser a cavallo.

Lá vi o *Homem de Ferro* aguentar a couraça,
— mais dura de roer que cinco ou seis barrís!
No entanto, elle marchava, intrépido, na praça,
qual general que corre a salvar o paiz.

Com azas de setim, marchavam os Anjinhos
não com ar divinal, mas sim bastante tétrico.
Com muita dôr nos pés, nos calos, coitadinhos,
não voavam ao Céu.. pediam um *elétrico*.

Com brio, vi marchar as tropas imponentes,
e as charangas tangendo os doirados metaes.
— Iam velhos tafues, de calvas relusentes,
— Dez pretos com tambor, e as pessoas reaes.

Entra S. Jorge, emfim, e o pagem d'olhos belos,
nos atriós do Castello, aonde é general.
— Os Anjos, a coxear, vão porem-se em chinelos.
— *O Homem de Ferro* está com tosse e o homorroidal.

O PREGO

Para a festança o Luso empenha até
como Judas sua alma e os cobertores.
Nos máos días, porem, chovem crédores,
perdem-se as ilusões... e o camapé.

As belas, para um baile, e um bom *coupé*,
ás costas dos galegos, aos penhores,
lá remetem alfaías e esplendores:
— o leito, o espelho, a cómoda, o *bidet*.

Em fria noite de Opera e em gala,
ví um certo casquilho de bengala
de castão d'oiro, mais tres lindas rôlas. . .

Lésto, os degraus galgáva a quatro e quatro.
Era a flor do *chiquismo* do teatro! . . .
mas no *prégo* bailavam-lhe as ceroulas.

A BATOTINHA

Não ha esturdío algum, sendo noitinha,
que apóz com Lola ter gentil caváco,
não envergue outro trajo, outro casaco,
e se esgueire sonsamente á *batotinha*.

Mas a policia que é lambaz e advinha,
que assás conhece os *pontos* e o seu fraco,
surge de chofre, pincha qual macaco,
e pílha á Banca a conta redondinha.

Já vi peraltas, na balburdia imensa,
ocultos no saguão ou na dispensa,
e um debaixo das roupas da sopeira...

Mas o que fez pasmar essas *Europas*,
foi um galhardo Capitão de Tropas,
— de farda... lúvas brancas... na carvoeira.

AS HORTAS

Apráz-me ir vêr os alecríns das hortas,
rí-onhas, festívaes, com seu matiz.
Vou, qual bohemio lírico e feliz,
que búscas o Sonho para além das portas!...

Amo vêr um Falstaff, as pernas tortas,
tróvas cantar plebeias do paiz,
e o Burguez, mãe, espôsa, avó, petiz,
vir tudo, de rancháda, às horas mortas.

Gosto de os vêr jantar pelos hortejos,
trocando alegres bríndes, risos, beijos,
emquanto a agoa das régas canta e chora...

Suavemente o sol doíra as colinas,
e, ás ocultas, os noivos das meninas
...dedos apertam, ao chiar da nora.

O SENHOR DA SERRA

E' o Senhor da Serra a alma e alegria
dos romeiros que vão visitar Bellas.
Limpinha vila! — Construções singelas,
mas onde acode o vulgo em romaria!

O tropel dos carrões e a vozeria
dos soláos, das canções, rir de donzellas,
ôdres cheios, pipótes, ou panelas,
do cheiroso Perú — tudo inebria.

A' sombra da oliveira ou da latáda,
nívea toalha estende uma rancháda.
Ha *salsifrés*, canções, tudo é feliz!

E para, em tudo, as festas serem gratas...
clarões da lua, solidões das matas,
— muitos *bébés* teem dado a este paiz!

VIAJANTES MILIONARIOS

Aqui, os viajantes milionários
são tão raros como é a *Dahlia Azul*.
— Raros adquirem moveis bons de Boule.
— Raros vão aos museus e a estatuários.

Mas, mais raros ainda ... extraordinários,
são romeiros buscando o Norte e o Sul,
que vão a Nice, Italia, Azia, Stambul,
á Suissa, e aos seus lagos legendários.

Quanto aos estúrdios, filhos de banqueiros,
foliando, com *Lólas*, com toireiros,
fados trinando, em velhos trens de praça ...

raros saem da sua freguezia.
Dispendem seus milhões na travessia
... do *Bitóque* ás meninas da *Palhãça*.

SERENADA DE MEFISTÓFELES
NA RUA DOS ALGIBÉBES

I

Lindos rostinhos trigueiros
das morenas alfacinhas!
vossos olhos são coveiros,
—tendes na face as *cobinhas*.

II

Quando as brisas tem harpejos,
e as campinas malmequêres,
vós daís suspiros por beijos
—e por cinturas de alferes.

III

Não há instante precioso,
não ha mais doce momento,
que o momento *harmonioso*
—em que passa o Regimento

IV

Em todo o dia bemdito
rogais ao Anjo da Guarda
que mande um alfer's bonito
— que seja um anjo de farda

V

Loiras pédem farda airósa.
Mas as suaves trigueiras
pedem cintura mimosa,
— e sonhadoras olheiras.

VI

Meninas de rosto angélico
delgadas como o junquilha,
eu hei-de fazer-me medico,
— e assassinar o *espartilho*

VII

Hei-de quebrar o piano
que os ouvidos me tortura,
dar-vos um primo *magano*,
... mas, sem a benção do Cura! (1)

(1) Parece que Mefistófeles se inclina ao casamento civil.

RATAPLAN! RATAPLAN! RATAPLAN!

Lia-te uns versos meus, Bertha louçan,
cheios de imagens, empolgantes, belas,
quando sôam tambor's e charamelas,
— «*A guarda!*... e a correr deitas e a Mamam

Em cabelo, e inda em trajos de manhã,
ródam logo sopeiras ás janelas,
rufam tambem as almas das donzelas
lá dentro, em sobressalto: — *Rataplan!*

Então, eu disse: — Rica prenda amáda!
visto que o «*rataplan* tanto te agráda,
e ao «*rataplan* te váes, rufando, amor!

Não mais sonetos te farei decerto.
No dia de teus annos, que vem perto,
— mando-te umas vaquêtas e um tambôr.

O DOMADOR DE PANTERAS

O domador açoita, entrando a jaula,
negra pantéira original de Jáva,
linda rainha que se rója escrava,
—e a quem disigna pela «*Excelsa Paula*»

A's vezes rúge, outras porem miaula,
como gata ao luar, o peito em láva.
Outras rója-se ao pó, humílde, ignáva,
como estudanta de joelhos n'aula.

O domador fustiga e ameiga as féras,
puxá as línguas e os rabos das pantéras,
recebe abraços e até beijos lógra!...

Mas, ao canto da jaula, uma esquesita
múmia sustém esta legenda escrita:
—«*Pantéira não domáda. Minha sogra.*»

O ALFAIATE DAS DAMAS

Com meu charuto aceso, sobre o asfalto,
distraio-me a estudar quem pisa as lamas.
Passa o alfaiate corteção das damas.
Todo elle é uma flor.—Voz de contralto.

Trajo sério. De luvas. Chapéo alto.
Recebeu de manhã dois telegramas,
para ir talhar depressa um fato ás Gamas,
e o coração, de embófia, deu-lhe um salto.

Diz-se, porem, que um príncipe cossáco
o indígítara á esposa.—E elle o casaco
de tal fórma talhou justo, á prínceza...

que o príncipe o encontrára, em certo instante,
com a fita do metro, muí prestante,
— os seíos a medir de Sua Alteza.

OS MEUS AMIGOS

O PALHAÇO E O COVEIRO

Aqueles que ali vão, em terno abraço,
como modelos de união fraterna,
cantando, e aos empurrões, para a taberna,
— um d'elles é coveiro, o outro palhaço.

Com elles, horas mui patuscas passo,
estudando cada um. — Minha lanterna
interróga cada alma, qual, na interna
mina, o mineiro, com soturno passo.

Quando eu escuto o lúgubre coveiro,
sinto o «spleen» do Hamleto e aspiro o cheiro
da erva calcáda, os goivos, os chorões...

Mas se guincha o palhaço, sinto as solas
dos meus pés a pedirem cabriólas:
— á luz do gaz e ao «hurrah!» das multidões.

UM CERTO CURA

Passa um cura roliço e espadaúdo,
de andar pausádo, abacial papeira...
Todos olha com vista sorrateira,
— bamboleando o abdomen pançudo.

É quasi quadrilongo. — É narigudo
como Sócrates foi — Mas a gafeira
da alma, como a do outro, é que não cheira
a rosas... cheira a um termo assás bicudo!

É um Sátiro e um bóde femeeiro.
E o sacristão que o diga, que é vezeiro
na má lingua, e em chupar bem as galhetas...

E que o diga eu, tambem, que, em certo dia,
a beijar-te o encontrei, na sacristia,
— Condessinha gentil das tranças pretas!

O VISCONDE DO BECO DO FÁLA SÓ

Nobres de última data e sem raízes
de Altos Avós... teem titulos bem pêcos
de ruas, de hortas, de travessas, bêcos,
pâteos, póços, quintaes, de chafarizes.

Conheço um que tem dez cicatrizes,
por basofiar ser neto dos Pachecos,
quando elle é neto de uns ratões suécos
comerciantes de drogas e vernizes.

Ráros, porém, teem *fracs* mais franceses,
mais *póse*, mais *aplomb*, ditos por vezes
que não cheiram á óca e ao alcatrão...

Mas se, á noite, em saráos, ostenta a *linhá*,
de dia engraxa as botas na cosinha,
— em camisa, assobiando, no saguão.

A RELIQUIA DOS AVÓS

(Confidências de Mefistófeles)

Amei certa mulher de alta linhagem,
cujo salão arcaico e recatado
tinha um relógio antigo... mas sagrado,
em que não punha mão a *vilanagem*.

Mil beijos, dava-lhe eu, quando a carroagem
do esposo faz-se ouvir.—Retumba um brado,
e, n'isto, irrompe o Conde, estomagado,
com sobresênho hostil, féra viságem.

Revista alcovas, moveis, reposteiros,
estripa trez divans, quebra cinzeiros,
mas nada encontra e sae tôrvo e feroz.

Onde me havia occulto a esbelta Lília?
Na reliquia sagrada da família...
— no relógio de pezos dos Avós! (1)

(1) Vetustos relógios compridos e monumentaes.

S. MIGUEL ARCANJO

A marquesa de Estaes tem no oratorio
trez Anjos de tamanho colossal.

O Senhor D. Miguel, com gesto flóreo,
foi que á família os deu. — Favor real!

Tem o Marquez, porem, zêlo notório,
contra um primo, e rancor, ciumeira tal...
que uma noite correu com um punhal
para o estripar no proprio dormitório.

Nada achando, apezar de cem devassas,
córre a orar ao Senhor e a dar mil graças,
por ter tão casta esposa e tão fiel.

Mas, ergue os olhos, e o que vê, turbádo?...
O primo no oratorio — em pé, e armado
com a lança e o morrião de S. Miguel.

ESCANDALO COR DE ROSA

A Marquesa de Unhães ama um artista
raro tenor, amigo de Puccini.

Brada a quem ao Marquez: Não se amofine!
— Agora mesmo entrou. Rompa-lhe á vista.

Sáca a espada o Marquez e o gume enrista.
Corre ao salão.—No espelho o ferro tine.
Mas derruba o candeeiro e o petrolíne
extravása no chão e perde a pista.

Reacende o candeeiro, busca, sonda,
armários e bahús, tudo esbarronda,
tudo fura e revista até manhã...

Por fim, perdão á dama, humilde implóra.
Ella dá-lho, a sorrir.— Ao ir-se embora,
sáe o tenor debaixo do divan.

PECADILHOS DE SALÕES

Narra-se ao ouvido um caso romanesco
de uma joven que quíz gosar a brisa...
e eis sáe de casa em fralda de camisa,
e põe-se a gandaiar á lua e ao fresco.

Acha a familia incrível tal refresco,
mais a evasão da dama que deslisa.
— Busca, rebusca alcovas, jardins pisa.
— A visinhança interróga e o parentesco.

Porém, corridos ja trez longos días,
e mais trez longas noites de agonias,
do avô, da avó, da mãe, e do papá...

eis que se encontra a fugitiva bela,
(tal e qual virgem, tal e qual donzela!)
— em camisa e debaixo do sofá.

TERCEIRA PARTE

AS IDEAS

DO BACHAREL MACARIO

Os seus amores, a sua Filosofia,
a sua digestão.



LISBOA ENGORDA E RÍ

Lisboa! escútas arrulhar as rôlas,
de manhã, nos beirões dos teus larários,
tens o oiro do Sol e dos canários,
e, á noite, os ais das líricas viólas.

Passas teu día, a rir das vans estólas
do Amor, do Justo, o Ideal, dos seus calvários,
rendes só culto aos bachareís Macários,
— farcistas, arlequins, com lentejoulas.

Fazes bem? Fazes mal?... Frases ao vento!
Que te importa isso a tí? — E's um convento
plantado, á beira mar, do deus Preguiça.

Macario hoje é teu rei, rei da *frescáta*.

Foi *urso*, *clown*, *dandy*, diplomata.

— Hade vir a ser Papa... e a cantar missa.

O BACHAREL

Um dia — ia alto o Sol — quando a Cidade
toda anda no *trottoir*, vi no Chiado
entre os *dandys*, um gêbo esfrangalhado,
qual Diógenes foi na helena idade.

Com a lanterna acesa, na verdade,
ruas, becos, travessas, mui caládo,
o homemsinho palmeava. — Embasbacádo
fui atraz, como os maís, da novidade.

Becos, travessas, caes, cruzou sem conto.
Mas já farto de andar, berrei-lhe: Ponto!
Ashavéro Segundo de Israel! . . .

Quem buscas tu, em roda viva e eterna? »
Responde-me o homemsinho da lanterna:
— A ti, raro mortal, não bacharel!

AVENTURAS DO BACHAREL MACARIO

Foi sempre aquelle um génio concentrado.

(¹) *Urso* era chamado entre estudantes.

Se era um sabio, jamais os ignorantes
o seu Verbo escutaram estrelado!...

Certa noite, nas taboas de um tablado
das barracas das feiras ambulantes,
vi um urso mil farças hilariantes
representar ao povo embasbacado

Mas qual foi meu terror, quando, á saída,
eis que o Urso me fila e em voz tremida
me ferra este patético discurso!...

«Não te assustes do caso extraordinário!

«Sou eu, o teu colega, André Macario.

— Sou bacharel. Mas tinha de ser *urso*!...»

(1) Na Universidade são chamados *ursos* os estudantes mais applicados.

MACARIO, GUARDA PORTÃO

Macario que ali váe de melancia
n'uma das mãos, na outra, um vil cabaz,
foi, n'outro tempo, o mais farcista e audaz
bohemio, estroina, folião, que havia!...

Construiu um palácio certo dia
com dez milhões que elle ganhou n'um az,
como o não teve Salomão. — Em paz,
tamaras vendeu, depois, na Alexandria.

Dormia, ás vezes, em tapetes persas,
outras noites, no enxurro, ou nas perversas
baiúcas, sempre a rir, ao deus *Váevem*.

Hoje é guarda portão d'esse palácio.
Mas, com o *jockey* da Condessa, o Ajácio,
— arrisca ainda, ao *burro*, o seu vintem!

OS PATRÕES

*Lá veem nossos patrões! . . . oiço uns garotos
guinchar, com voz que lembra El-Rei Bobéche.
Olho, e lobrígo, em rápido caleche,
dois marujos saxões ébrios e rotos.*

*Tinham uns tipos de foliões marotos! . . .
Jantado haviam peixes de escabeche,
com duas *Lólas* e o cocheiro Holbeche,
e iam cantando, em gaudío, a trote, e a choutos.*

*Os dois loiros Falstaffs da maruja
vinham da medieval Alfama suja,
onde o moiro arrabil seus ais esbanja . . .*

*E, com ar digno, Suas Magestades,
libavam vinho como trinta frades,
— e chupavam em cascas de laranja.*

O PÃOSINHO DOS CAFÉS

Aquelle que ali está de cabeleira,
cheia de caspa e já cossádo *frac*,
despejando copinhos de *cognac*,
disse-me, um dia, em grata cavaqueira.

«A bella Pêpa, a loira cigarreira,
«que tu conheces, pôz-me o peito a saque!
«Que romantico amor! — Foi o meu *Krac*
«do coração, o estomago, a algibeira!

«Sou o *homem fatal*! Sou perigoso!
«Meu negro olhar chispante e tenebroso
«arma incendios, qual fez Nero, em furor.

«Deixou-me, é certo, pelo meu tendeiro.
«Mas amou-me, a valer, digo-o altaneiro.
«— O ferro é pertencer a um vil crédor!

MACARIO AFINADOR DE PIANNOS

Macario, mágro, esguío, esgrouviádo,
de «urso» passou a «harmonisar» pianos.
Tem uns olhos, porém, tão vís ciganos
— que a mil maridos hão desafinado.

Do quinto andar as damas do telhado
vótam-lhe — diz-se, — affectos muito humanos,
desde as primas, as tias, os marçanos
até ao vil carôcho — o «scelerádo!»

Certa noite, porém, de annos das tias,
festa obrigada a bolos e fatias,
Macario sóme-se e é buscado em vão.

Buscam, rebuscam tudo, n'um viróte.
E onde o vão encontrar? — Junto do póte,
a afinar da sopeira o coração.

BRINDE DE MACARIO A UMA NOIVA

*Permita o Céu que, n'um tal dia, tenhas,
noíva gentil, de tranças tão macias!...
jasmíns, camelias, rosas, alegrias,
passas, figos, bananas e castanhas.*

*boninas, açucenas, e as estranhas
begónias, fuchsias, albuns de poesias,
repôlhos, hortaliças, melancias,
— castanhólas, «boléros», sevilhanas!*

*Saiam do fôrno os patos ás manádas.
Cheguem pudíns, lampreias ás carrádas.
Paírem no ar perfumes do Indostão...*

*Chovam do céu camelias presunçosas.
Pápa puré de lírios ou de rosas,
— que eu, mais matreiro... atiro-me ao leitão!*

O EXERCITO LUSITANO

Os pequerruchos loiros, rosadinhos,
ou trigueiros, burlões, de olhar gaiato,
pedem, desejam tudo.—Um quer o gato,
outro a lua, outro o sol, peixes, burrinhos.

Um dos taes quíz, por força, os soldadinhos
do exercito luso!—E quíz o ingrato
que eu lh'os possesse todos sobre um prato,
a fazer exercicios bonitinhos.

O petiz de quem falo é italiano,
e, máo grado adoral-o, é o meu tirano,
o meu monstro gentil, o meu verdugo...

Para pôr termo ás taes préces mofinas,
comprei-lhe duas caixas pequeninas,
... de soldados de chumbo e de sabugo.

MARIALVAS E PIMPÕES

Este povo de heroes e paladins,
que acompanhou D. Fúas e o Giraldo,
descobre o Oriente e apóz mendíga um caldo
ás portádas claustraes, com ar de chins,

conta ainda brigões e espadachins,
que por um til esmurram um ribaldo,
com tanta galhardía qual Reinaldo
de Montalvão... que fez alguns *caurins*.

A fumarem *beátas*, ou *brejeiros*,
dedilhando a guitarra entre cocheiros,
amando os toiros, o bom vinho, a rima ...

faz pasmar que, com sôcos de bom macho,
atírem facilmente um outro abaixo,
... quando tanto lhes custa lêr por cima!

A UMA PIANISTA ALFACINHA

Verrina de Macario

— O' Menina da *Rua dos Vinagres*!
que os ouvidos me arranhas noite e dia,
ao teu piano, horror da Mouraria,
que no alto mar afundaria a «Sagres»!... (1)

Que mal fiz eu, para que tu consagres
a vida a massacrar-me a hipocondria,
com sonátas fataes, como a sombria
lépra vil dos judeus — e outros uzágres?...

Quando morrer's, taes óperas mofinas,
árias, valsas, sonátas, cavatinas,
suma-os o lixo vil, torpe, chué!...

Teus «fados» proibirei ao meu cocheiro,
e mandarei fazer a um carpinteiro
— d'esse tão máo piano, um bom bîdet!

(1) Antiga corveta lusa.

GENERAES PANÇUDOS

Quando chegam do Tempo esses tígrinos
rígidos invernos bem bicudos
generaes com enxundias, ou ventrudos,
— servem para *amas secas de meninos*.

Nada d'elles recorda os masculinos
tempos de guerra e de exercicios rudos,
cercos, assaltos, marciaes estudos,
— com cinturas gracís de figurinos.

Os generaes, então, lembram abades
das santas éras dos floridos frades,
de enxundias sãs... de gorda cachaceira...

E, ao montarem nos bravos rossinantes,
recordam tímbalheiros elefantes,
— com a caixa do bombo á dianteira.

A RAINHA DA ISLANDIA

I

A Rainha da Islandia, á luz da lua,
passeia n'um batel á flôr das aguas.
Suspira ás vezes.--Seu olhar flutua
em regiões incógnitas de magoas.

II

Outras sorri, depois, como creança
que vê bonecas de primôr francez.
E á dama diz, fitando a lua mansa:
—Paréce-me a caréca do marquez!

III

Entra em palacio e dão-lhe serenadas.
Ofértam-lhe de leite alva caneca.
Vendo-a tão branca, grita ás casquinadas:
—Ai! do marquez paréce-me a caréca!

IV

Corre, a notícia, vòa.—Alviçareiros
propágam essa extranha obsessão
da Rainha, que vê olhos frecheiros
em toda a parte — e a calva d'um melão.

V

Juram que ella ama, extraordinariamente,
d'um tal marquez a reluzente calva,
—que vê na lua o seu carão ridente
—os seus dentes até na estrella d'alva!

VI

O que dizeis dos malandrins ignáros,
(brada a aia á Rainha, de travêz.)
Responde ella, trinando uns risos claros:
—Parecem-me mais asnos que o marquez!

MACARIO, POETA D'ALMANACHS

N'uma trapeira desabrida e crua,
Macario entre banaes teias de aranhas,
e outras cousas bohemias mais extranhas,
— prepara um almanach e sisma á lua.

Procura rima para «*chêfe*» — sua...
sópra, torna a suar, derrete as banhas.
Entra a sopeira — e então, com mil patranhas,
ferra-lhe um beíjo na garganta nua.

Mas a sopeira não se põe com queixas.
Um sopápo pespéga nas bochechas
do que boscára em balde a rima em «*éfe...*»

«Aleluia! grita elle radiante.

«Achei a rima emfim recalçitrante.

«Obrigado, Rosinha! Achei. — «*Tabêfe!*»

O INCENDIO DE TROIA

Descrição de Macario

Perguntas-me, meu bem, se lí Homéro?
— Por desgraça que o lí, e me ví grego!...
Mas, muito antes de ler o imortal cego,
eu próprio em Troia estive.—Eu t'ó assevéro!

Ví o filho de Achíles, o Pyrrho féro
lançar Priamo, o Ancião, ao fatal pego...
Ví Hécuba, coitada! um grande rêgo
com lágrimas cavar, de desespero.

Ardíam casas. Era o sangue em postas!
Fugia Eneas com o pae ás costas,
sem temer ser poltrão ante os heroes...

Cassandra soluçava, rota a saía.
E eu, tragico, de cócoras, na praia,
berrava aos céos:—«*Meti-me em bons lençóes!*»

PERIPECIAS DE MACADAM

No asfalto do Chiado, hoje á tardinha,
passou risonha, a Viscondessa Eliza,
com ar gentil de uma camelia á brisa,
— de *lorgnon*, pó de arroz, rósea sombrinha.

Corteja-a um loiro *bife* da marinha,
com chispante peitilho de camisa.
— O poeta Alvim, que languído deslisa,
dá-lhe um *shahe hand*, e diz-lhe uma gracinha.

Ella córa, sorri, tropéça, cáe
no *asfalto* lamacento, dando um aí,
sobre a lama banal, crássa, cinzenta.

E o poeta Alvim, todo curvado n'ella,
tem o ar d'uma *lady* magrizela,
— com o nariz na pia da agoa benta.

O MESTRE PRIMARIO

Encontrei no Bairro Alto um bom velhinho,
um pobre mestre de instrucção primaria,
o qual anda rotinho como um pária,
velha a gravata ... sujo o colarinho.

Fiquei com dó. — Outrora n'um cantinho
de uma aldeia de amena e curta área
quantas vezes o ouvi trautear uma ária,
— regando o seu quintal, de barretinho!

Magro estava, e amarello como a tocha
de um enterro. — Na seca e magra coxa
rota calça de réles bombazina ...

As botas com palmilhas d'um *infólio*,
e o chapéo, que lustrára com petroleo,
— podia bem servir de lamparina.

A INDEPENDENCIA DO BIGODE

Monologo de Macario

As guias ergue á abobada azulina!
Ês livre! Ês livre! como a Aza e a Escencia!
Desfralda o aureo pendão da Independencia!
Já não andas vergado, qual vil China!

Já não amas a loira Clementina,
— esse dragão sem alma, que a paciência
a tal ponto te alúiu, que era demencia
aspirar ao frisado e á brilhantina!

Assim berra Macario ao seu espelho,
tomando o ar chibante de um fedelho,
que ama o *tennis*, o *sport*, o *espalhafato*...

Diz isto, e rompe a conquistar as belas,
de monóculo e luvas amarelas,
— e os bigodes, em riste, como um gato.

JOVE, NA RUA DOS RETROZEIROS

Hoje os deuses da Grecia e das florestas,
abandonando as formas triunfantes
são creados de hoteis e restaurantes,
e outras funções ainda mais modestas!...

As suas sínas trágicas, funestas,
teem-os levado a farças humilhantes.
— Uns são mestres de dança, outros tunantes.
— As deusas fazem cousas pouco honestas.

Mas o que me doeu sangrentamente,
foi ver Jove, o *Tonante*, o Omnipotente,
Pae dos Astros, dos Soes, de Heroes de cunho...

na escada do palacio de um banqueiro,
feito guarda-portão, feito porteiro,
— hirto, de farda, e de vassoura em punho!

A FOME CANINA

Conto fantástico, contado por Macario

Morta! Morta!... de extranha palidez,
roubei, de um tumulo, uma noiva branca,
e, n'um corcel, fugi á rédea franca,
com *macábrica* e *doída* rapidez.

A um palácio a levei d'estilo inglez,
que tem no frontispício uma carranca.
Mas eis que a bela acorda... e me desbanca
em comer e em beber por dois ou trez.

Aí! contando as garrafas despejadas,
trúfas, pasteis, mil ostras devoradas,
tendo na face a côr que o pasmo estampa...

com gesto grave, solarengo, amigo,
clamei á bela, no palácio antigo:
—Rúa! Volte menina á fria campa!

MACARIO REPORTER DO *HIG-LIFE*

Frio, aprumado, de casaca enorme,
chapeo lustroso que se diz de pasta,
Macario, hoje no *hig-life*, dengue, arrasta
seus pés atrás da valsa multiforme.

Toma nota do esplêndido uniforme,
do Almirante, do Duque, do Dinasta,
da Duqueza gentil de espumea casta,
do Rei de Copas, da Marion Delorme.

Mas depois de tão ímprobo trabalho,
chega á trapeira e ao vêr a *assorda d'alho*,
que ha de ingerir, rebenta em mil violências...

Dá um murro na banca, entre mil pragas.
E as luvas côr de pérola não pagas
rólam n'um vaso... que não cheira a essências.

MACARIO POETA, E A LUA

Na alameda das tilias docemente
passeia, á lua, a Viscondessa Eliza.
Fita Macario que ao seu pé desliza,
de braço dado, com sorrir dolente.

«*Canta o luar, Macario!*—ternamente
a Viscondessa diz.—Em róda a brisa
baloíça os laranjaes. Macario pisa,
com ar de Hamleto, a relva, aéreamente.

Macario que ha trinta horas não mastiga,
parece-lhe o luar um grande queijo
de Roquefort, á sua fome louca.

Sente a fome ás pauladas na barriga,
amostra os dentes, com lambaz desejo,
e em vez da rima... *acode-lhe agoa á boca.*

MACARIO, A VISCONDESSA, E O SOL

Á sombra das olaias, manhã náda,
com Macario passeia a Viscondessa.
Sorrindo, encosta a espiritual cabeça
ao hombro d'elle.—Chilreia a passarada.

«Olha, rompeu o Sol!... alvoroçada
a bela exclama:—Na ramada espessa
que chuva d'oiro a flux! Vamos depressa
vel-o rosar a serra alcantilada!»

Macario apressa o passo, romanesco,
calca o verde capim macio e fresco,
e trepa á serra que vertigens méte...

Encára o Sol e brada com poesia:
—Loiro! mui loiro! um loiro que extasia!
—Loiro! mui loiro! um loiro de *omeléte!* (1)

(1) Parodia a um lirismo de Feijó.

AOS TOIROS! AOS TOIROS!...

Ródam trens com palreiras hespanholas
para a praça dos toiros, léstamente...
Um Bombita ou Guerrita certamente
terão moñas, charutos, gabarolas...

Ha vida, confusão, balburdia.—*Lolas*
o cavaleiro aplaudem rijamente,
emquanto o toiro diz pacientemente:
—*Que mal fiz eu a estes patetólas ?...*

Teem elles brindes, premios, mil charutos!
Cá nós, porém, irrationaes e brutos,
sem fazer mal algum, *farpa e garrócha*...

Ora, qual d'estas cousas tem mais siso?
—O marrar, por ser toiro ou ser preciso,
—ou matar, sendo homem, por *bambócha* ?...

AS RUINAS NACIONAES

Vejo em pó, com tristeza, as Catedraes
torres godas, romanas, bysantinas,
arcos moiros, ogivas, míl vitraes,
— velhos candéios... nichos em ruínas!...

Apesar de Diabo amo as piscinas,
e azulejos com Santos medievaes,
ferve-me o sangue ao vêr os vis chacáes
— claros padrões tornarem em sentinas!...

Que fazes, Comissão dos monumentos?...
Sois fradalhões acaso pachorrentos,
aos quaes não turba o vandalismo atroz?...

ou *bons vivants*, de chambre, e de míténes,
capazes de jogardes o *lawn-tennis*,
— ou o bilhar, com os ossos dos Avós?...

PAISAGEM DA TARDINHA

N'uma casa de verdes gelosias,
fumo e espraio, no mar longíquo, as vistas!...
Vejo cascatas d'ouro e de ametistas,
fontes jorrando prata e pedrarias.

Passam nuvens errantes e vadias...
passam dragões com azas fantasistas,
guerreiros, em torreões d'agudas cristas,
palácios, catedraes, ruinarias.

E ao vêr todo o scenário fabuloso
que disfruto do Tejo melodioso:
— boscagens, ondas, sóes, musgos macios...

exclamo a rir, n'um gaudío de entremez:
Possue tudo isto um cervejeiro inglez!
— Lisboa! estás, como eu, a *vêr nabios!*

ALFEITE E RAMALHAO!

Idílio de Macario

— Alfeite e Ramalhão!... Que a líra gema
dos menestreis, nas bastas ramarias,
n'essas ruas de murtas tão macias,
— onde é tão bom dormir... sonhar um poema!

N'uma álea de chorões, entre a alfazema,
surprendí, a certa hora — Avé Marias —
uns certos beijos... certas ninharias
de uma paixão... na fase já suprema.

Era uma *loira* e um militar magano,
muito unidínhos, qual no idílio indiano,
a bailadeira e o seu guerreiro *chátria*.

Que faziam tão ternos, sem dar pio?
Não o sei dizer bem, mas desconfio...
— Tratando estavam de aumentar a pátria!

OPINIÃO DE MACARIO SOBRE OS LAGOS

Na fila dos chorões sob os salgueiros,
que sobre o lago pendem suspirando,
passeia a Viscondessa, o braço dando
a Macario que fala em cosinheiros

E a Viscondessa, aos raios derradeiros
do sol, exclama, com seu gesto brando:
— «Como eu adoro um lago!... Aquí sonhando
«tenho vertido prantos verdadeiros!»

Macario apruma o seu nariz comprido
para o luar nascente e enternecido,
cravando o rubro olhar n'um loiro cacho...

gême, correndo em torno os olhos vagos:
«Ai, os lagos, ó Céos!... os claros lagos!
— que poesia se fossem de *Cartaxo*!

A RAINHA DA HOLLANDA

Um sonho de Macario

A Rainha da Holanda é muito bela.
Fiquei maluco, olhando o seu retrato!...
Eis que sonho com ella um doído rapto,
e ambos nós... rindo... n'um barquínho á vela.

Choviam lírios sobre as tranças d'ella,
boiavam cisnes sobre o mar pacato,
com peixes d'oiro e prata... e um canto grato
cortava d'ais o azul. Que noite aquella!

«Qual a coisa, no mar, mais cativante
«um dia te extasiou?—em voz cantante,
perguntou-me ella dengue e em mim curvada.

Mas tão tremulo eu estava, em cada membro,
que, a gaguejar, tornei-lhe — *só me alembro,*
Princeza!... de uma rica caldeirada!

MACARIO N'UM JARDIM

Fuma-se á meíga sombra das folhagens.
Conversam noivos, a arrulhar, baixinho.
Discutem-se algodões. — Devagarinho,
pálpa um *orango* a noiva, entre as paisagens.

De bandeja, um mulato, com tatuagens,
refrescos traz em roda. — O borborinho
eis torna-se em trovão, quando o focinho
do *môno* beija a noiva e faz visagens.

O brasileiro páe tósa-o bramindo.
O namorado apruma-se, tossindo.
Da *Sinhá* faz-se a têtz côr de cereja ...

Um *crévê* diz tres lérias ao bugío.
Macario, mudo como um peixe, a fio,
...despeja doze *boks* de cerveja.

OS BEIJOS DE MACARIO

Do seu diário

Mandei á Viscondessa uma cartinha,
toda cheia de imagens e de trópos.
Falei-lhe em rosas, lírios, heliotropos,
no plenilunio e a voz da fontesinha!...

Entreguei-a á creada da cosinha,
que até por tal sinal quebrou dois copos,
atrapalhada, ao vêr que os misantrópos
dos patrões desconfiam da *alcofinha*.

Comtudo chega a carta a salvamento,
ás mãos da Viscondessa, que ao relento
anciosa me aguardou no seu jardim...

Eu, no emtanto, que amor! que scena louca!
toda a noite passei beijando a boca
... de uma botija de assombroso *gin*!

MACARIO E AS FLORES

No jardim, á tardinha, entre os canteiros
passeia a Viscondessa olhando as flores.

Macario olha sómente as rubras cores
dos morangos, cenouras, tomateiros.

E a Viscondessa diz: «— Entre os primeiros
vâtes, brílhou Camões pelos amores.

Qual a flor — entre as mais — pelos primores
das tintas preferiu, ou por seus cheiros? ...

Que flor amas tu mais? — » Macario espalha
em roda o seu nariz como fornalha
de inspiração e de poesia aláda ...

e com um grito d'extase e respeito,
diz, com arranco e com a mão no peito:
— Eu cá, a couve-flor! *Rica salada!*

HOTEIS E RESTAURANTES

Opinião filosófica de Macario

— Não tens *ar típico* azulina terra,
nos teus trajos, teus usos, teus sainêtes!
Só tens nas rimas pastoris da serra,
do tempo dos soláos, reis, e valêtes!...

Os teus Vateis, de candídos barretes,
ao estomago me fazem dura guerra,
com mil mólhos da França ou da Inglaterra,
e as cobras e lagartos dos *croquetes!*...

Tenho curtido indigestões medonhas,
mil cólicas, com bastas caratonhas,
e eu, que não sou ateu, mas bom cristão...

Trípas de Afonso Henrique! ao ver taes pratos,
corro aos lusos pitéos dos bons *Pacatos* (1)
— e acho um sabor católico ao Capão!

(1) Certa locanda pastoril.

EXTASE DE MACARIO POR UNS OLHOS

Discutem-se olhos, com falar precioso,
da Viscondessa no salão azul.

— Diz um marquez garrido e muí taful,
que adora os olhos cor do céu brumoso.

Mas outro opõe ao olhar tempestuoso,
o azul celeste olhar, qual rei de Thulé.
— Outro diz que as sonátas de Méhul
são *verdes*: verde quer o olhar mimoso!

A Viscondessa, com sorriso aério,
interroga Macario grave e serio,
para ouvir madrigaes aos olhos d'ella.

«Eu, o olhar que mais amo e me é simpático,
brada Macario, com sorriso extatico:

— É o *olho* do caldo da panela! (1)

(1) Sinónimo de *ólha*.

EXCLAMAÇÃO DE MACARIO
AS ESTRELLAS

Desceu a noite — Rutilas, brilhantes,
crivam estrellas mil a concha preta.
Delgada aragem, mui subtil, repleta
de aromas bons, anda a excitar amantes.

E a Viscondessa diz: — «Reinos dístantes!
Astros, Céos, vastidões que ama o poeta,
inspiraes lá tambem, qual no planeta,
visões aos Berlióz, queixas aos Dantes?...

«Sois, mais que nós, falúas da Químera?
«Sois, mais que nós, balcões da Fantasia?
«Daes lá o Amor que nada mate e extinga?...

Macario diz com fogo: — «Alvas lanternas!
alumiae-me nas regiões eternas.

— Talvez lá seja, mais em conta, a *pinga!*...»

OPINIÃO DE MACARIO
SOBRE OS ROUXINOS

Na alameda das rosas, ao sol posto,
passeía a Viscondessa com Macario.
— Trina canções chorosas um canario.
— Um rouxinol responde-lhe saudoso.

A Viscondessa diz, palido o rosto:
— «Como amo os rouxínoes! O «*Stradivario*»
«não tem um canto assim aládo e vario
«como estes trílos... que dão pena e gosto!»

Macario aperta a mão, suavemente,
da Viscondessa, e com um ar plangente,
como afogado de um aneio algoz...

exclama, olhando ao longe os girasóes:
«Oh! sim! os rouxínoes!... os rouxínoes!
... são *inefaveis* feitos com arroz!

POBREZA DA ARTILHERIA NACIONAL

Narrativa de Macario, entre amigos

Um general de artilheria á mesa,
a falta deplorava de artilheiros.
Berrava, dando murros bombardeiros,
que estava em risco a patria portugueza!...

Tinha em casa uma loira camponeza,
linda cachópa de olhos mui frecheiros,
que ao impedido — a flor dos quarteleiros —
surpreendeu a beijar, de amor acesa.

O general, que era aguerrido chefe
de tropas, deu na moça um bom tabefe,
e berrou-lhe: — Que fazes tu, Maria?

Triste, correndo aos aís, para a cosinha,
«Quero, grita chorando a pobresinha,
a arma acrescentar da artilheria!...

*DISCURSO DE MACARIO NO CEMITERIO**Consolações da transformação da Materia*

É dia de finados. — Aos ciprestes
a Viscondessa vae palida e fria.
Leva o rosto crispado de agonia.
Arrasta longas e ltuosas vestes.

Macario vae tambem. — Teme os nordestes,
as frias catarraes e as pulmonias,
mas, ao escutar as lastimas das tias,
desentranha-se em mil sermões celestes.

E brada assim: — «Ó corações partidos!
«Orfãos sem paes! Senhoras sem maridos!
«Ó sobrinhos sem tias! Ó viuvas!...

«todo o pó sepulcral que aquí descança,
«tornar-se-ha, n'um dia, tende esp'rança!
— em laranjas... melões... pêcegos... uvas!»

AS CONVICÇÕES DE MACARIO

Toast político

Sou Regenerador e dos maiores,
pois que é dever regenerar os bifes,
mais duros e mais córneos que os recifes
dos peitos dos preguistas e os credores!...

Sou Progressista e odeio esses horrores
de estrangeiros *menus* dos *iguelifes*,
onde somente ha mólhos, vis, traidores...
que me lembram caixões, tumbas, e esquifes.

Ninguém, como eu, a Monarquia présa,
assím como a lavoira portuguesa,
e o patrio vinho, o porco, o bom leitão...

Quanto a Republica, a essa vivandeira,
se ella um dia assomar, vou-lhe á frasqueira,
— pois que rôxo foí sempre o meu pendão!

BRINDE DE MEFISTÓFELES A MACARIO

Macario, és o Rei dos bachareis,
Macario, és o Nabúco das *cardinas*,
Macario, és Salomão entre as meninas,
Macario, és Rochefort entre os toneis.

Tu és sublime á hora dos pasteis!...
Não tens rival á hora em que as terrinas
fumégam... quando ha trufas, gelatinas,
e o *Cognac*, o *Clicquot*, os *Moscateis*!

Camões das sobremesas dos festins!
Mirabeau das geleias e pudíns!
és um coral nas trevas de um recife...

És lapidar, píramidal, supérno,
és o padrão do *bacharel moderno*,
— que, a cavalo no Ideal, marcha ao rosbife!

RESPOSTA DE MACARIO

A MEFISTÓFELES

Eu prefiro um bom caldo da hospedeira,
ao chilrear cantante da andorinha,
prefiro abraçar já a taberneira,
... a, vinte annos depois, uma Rainha.

Eu prefiro a um salão — uma cosinha,
prefiro a um bom poema — uma frasqueira,
prefiro a Victor Hugo — uma sopeira,
e um bom charuto... á estrela da noitinha!

Prefiro rir e patuscar nos campos,
a ver tremulusir os pirilampus,
e á voz da rôla á tarde, e ao colibrí...

prefiro um bife á aragem dos palmares,
e á hebreia Sulamite dos cantares,
... um copinho do bom *jiripiti!*

A ESTATUA DO CONSELHEIRO ACACIO

Oférta de Mefistófeles á Cidade

Antes de enfim deixar este palácio
do Sol, que aloira as agoas cristalinas,
quéro ofertar aos paes, mães, e meninas,
a imagem fiel do *Conselheiro Acacio*.

Cinzelei uma estatua que no Lacio
lhe ergueriam decerto ás prendas dínas.
Dei-lhe a *póse* oratoria e um ar de Horacio,
de casaca... comendas... calças finas.

Um receio porem me martirisa,
uma incerteza atroz me penalisa,
que abala até um peito de basalto...

é o terror mais feio que o Caronte,
de não saber o que lhe hei-de pôr na frente:
Os loiros... o tricórneo... ou o chapéo alto?

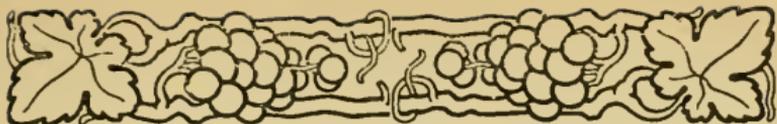
O ADEUS DE MEFISTOFELES A LISBOA

Pátria do bom Macario!... eu vou deixar
os teus bairros mouriscos e profanos,
os teus sagueões da Baixa, os teus pianos,
— e as condessas gentis de quinto andar!

Vou, saudades transindo, abandonar
teus castelos roqueiros lusitanos,
tão rijos como os bifes... que os ciganos
dos teus hotéis me dão para rilhar!

Adeus archeiros e *Solar dos Bicos*,
balcões e varandins com mangericos,
vítraes... adufas... torres... velhas Sés!

Adeus Lisboa! engorda, canta, e ama,
trina ao luar no teu violão da Alfama...
— mas lava, a meúdo, os *pequeninos pés!*



NOTA FINAL

Podem dizer que Mefistófeles exagerou ainda mais a sua natural *má língua*, na viagem a Lisboa: mas trez cousas lhe não podem contestar: — a sua *espontanea graça*: o seu *humorismo muito original*: e o *fundo da verdade incontestavel*. Mefistófeles, — apesar de demonio pessimista e sarcastico — decerto que não foi tão injusto e luciferino, como á primeira vista possa parecer. E para o que, leia-se com attenção a seguinte carta que um provinciano de muito bom senso — e atilado bom gosto — fez publicar n'um dos diários de maior circulação da capital.

A parte, a critica dos costumes e o pessimismo irónico, — mas baseado sempre na verdade como se encontra ás vezes nos maiores exage-

ros dos espirituosos, e á parte tambem a ácida ironia e a psicologia dos seus habitantes, em que o sensato provinciano (como elle se asina) se abstem de entrar, por não ser essa a sua especialidade, ou não ser o seu capital assunto, muitos dos defeitos primaciaes de Estetica, de Aceio, Higiene, e sobretudo de falta de gosto que se notam na *Princeza do Tejo de Cristal* (como a apelidam suavemente os líricos) varios d'esses defeitos que Mefistófeles zargunchou risonhamente nos seus sonetos, encontra-os-hão tambem os leitores apontados nas linhas seguintes do observador que citamos. Leia-se com attenção os sonetos *Lisboa! Lisboa! As Ruas da Baixa*, o *Prefacio Pequeninno*, as *Ruinas Nacionaes*, e ver-se-ha que concordam plenamente as duas opiniões. — Eis a carta :

«Não se pode deixar dizer que Lisboa progride espantosamente. Abrem-se amplas e formosas avenidas e logo são marginadas de magnificos predios. A sua situação geographica, o seu temperadissimo clima, o Tejo que imprime á grande cidade um realce admiravel, os seus florescentes e opulentos jardins, as suas alinhadas ruas e lindissimas avenidas, luxuosos estabelecimentos, caprichosos passeios feitos a mosaico, etc., etc., tudo isto, emfim, dá

um aspeto atraente, encantador, a Lisboa que todos os estrangeiros admiram.

E se se corrigissem muitos defeitos que, infelizmente, este grande centro ainda tem, defeitos alguns dos quaes ousarei apontar, pelo muito que amo a nossa linda capital, Lisboa, se não rivalisa já, poderia então rivalisar em belleza com as mais formosas cidades da Europa.

Princípio pela magestosa e simetrica Praça do Commercio, lamentando o estado de pouco asseio em que se encontram os edificios dos ministerios, exteriormente: pouco asseio que muito dá na vista a qualquer forasteiro, quer seja nacional, quer seja estrangeiro.

O marmore e as magnificas estatuas que ornam o sumptuooso Arco da Rua Augusta, estão denegridos tambem de immundice. (1)

E o mesmo se pode dizer do edificio do Arsenal da Marinha, e de alguns predios que existem nas principaes ruas da Baixa, que parece que não tornaram a levar cal desde que foram edificadas. Da estatua do immortal cantor dos Lusíadas, que se encontra no mesmo estado de aceio, já a imprensa por varias vezes se occupou.

Lisboa possui já bastantes museus. Se não estão tão completos como os que se admiram nas grandes capitães da Europa, são todavia dignos de serem visitados.

O que é para sentir é que durante as festas que tão fre-

(1) Não são só as estatuas do Arco da Rua Augusta — são quasi todas as dos nossos monumentos nacionaes — incluindo a estatua da Praça do Commercio, onde se encontram lixos, sordicias, detritos de frutas, cabeças de carapãos, e restos avariados de hortaliças.

quentemente se realisam em Lisboa, e que tanto forasteiro attrahem, não estejam todos em exposição ao publico, como succedeu nos dtas em que ahí permaneceram a rainha Alexandra e o imperador da A'lemanha.

Fala-se ha muito que em breve se vae expôr ao publico o museu dos coches de gala da casa real. E' uma medida acertada e que ha muito devia ser posta em pratica, pois que é um grande melhoramento para Lisboa. Passam por os melhores da Europa os alludidos coches de gala.

E' muito digno de admiração o Museu Colonial da Sociedade de Geographia, não só pelas riquezas que importa das nossas colonias, mas tambem pela boa ordem e disposição em que tudo se encontra, devendo, todavia, notar que os manequins dos costumes nacionaes que ali se encontram expostos, pouca ou nenhuma similhaça teem com os lindos trajes das nossas camponesas do norte do paiz.

Quem vê esses costumes não faz a minima idéia do que são os elegantes trajes das tricanas d'Aveiro e da lavradeira dos arredores do Porto, pitorescos trajos, tão admirados por quem visita a capital do norte.

A Avenida da Liberdade é digna de ser admirada pela sua extensão, pelos seus sumptuosos palacios com frondosas palmeiras.

Vi ha pouco ali mudarem o mercado de Sant'Anna para o Aterro.

Se mal estava, peor ficou.

Bem sei que estava desfeiendo a linda alameda do Campo de Ssnt'Anna; mas, ao menos, não era visto pela

maior parte dos estrangeiros que visitam Lisboa, principalmente excursionistas; e, no sítio em que agora está, não escapará á vista dos estrangeiros excursionistas.

Verdade é que ali perto tambem se encontra ha muitos annos, provisorio, um barracão a que dão o nome de *Estação do Caes do Sodré*, que não envergonha o mercado provisorio que foi agora ali estabelecido.

Pelo que vejo, dentro em pouco, naquelle sítio, tão concorrido e lindo, tudo será provisorio.

Coisas nossas! . . .

Termino dizendo que, se houvesse boa vontade e energia por parte dos nossos governos e camara municipal, como ha pela maior parte dos habitantes d'essa formosa cidade — que mandam fazer estatuas por subscrição e construir luxuosos palacios, Portugal, dentro em pouco tempo, poderia ufanar-se de possuir uma das mais beilas capitaes da Europa.»

Lisboa, 1 de Maio de 1905.

(Um provinciano).

Todas estas cousas — deve-se convir — são decerto turpitudes e miserias: — mas podem remediar-se facilmente, com mais um pouco de atenção, de boa previdencia e de constante, de tenaz, persistente e erudita higiene. (1) Mas o

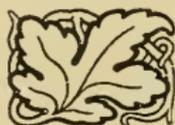
(1) Veja-se o que está fazendo sabiamente a *Propaganda de Portugal*.

defeito dos Costumes... da Moral... dos temperamentos e dos habitos inveterados e viciosos... da hereditaria e da abacial Preguiça... e sobretudo da materialissima, pezáissima, e imbecilissima Rotina?... Que diques lhe pôr? A quem é que importa isto?... Acaso importa isto a alguem?... Quem triunfa é o Bacharel Macario. Como diz filosoficamente Mefistófeles: — *Lisboa engorda e ri!*

Esta mesma mania do *estrangeirismo* e febre da civilização, se socialmente parece um bem, não será moralmente um mal, e não carregará também n'esta enxurrada torpe da Corrupção o resto das nossas virtudes cívicas, simples, e familiares?... *Caveant consules!*

Lisboa, 1 - 5 - 905.

G. L.



ALGUMAS EDIÇÕES

DA

LIVRARIA GUIMARÃES & C.^A

68 — RUA DE S. ROQUE — 70

Outonaes , versos de Delfim Guimarães, 1 vol.....	500
A fome de Camões , poema em 4 cantos, de Gomes Leal, 1 vol.....	300
A Duqueza de Brabante , versos, de Gomes Leal, com a traducção em francez, de H. Faure.....	100
Auto da Rainha Claudia , de J. Dantas	100
Coração meu , de José Cordeiro, 1 vol.	600
Rapsodias da epopea portugueza , poemetos, por Theophilo Braga:	
O Baptismo das Naus	200
O Velho do Restello	200
Edições em papel de linho, numeradas, cada.....	500
Apostrophe , de Daniel Rodrigues....	100
Versos d'um Contemporaneo , de Raphael Alcobia Lezameta, prefacio de Gomes Leal, 1 vol.....	500

A Cinza dos Myrthos , poemas, por Alberto Osorio de Castro, 1 vol....	600
O aucto do busto , por Marcellino Mesquita.....	200
Viagem á roda das Viagens , por Alberto Pimentel (a proposito das Viagens na minha terra, de Garret)...	200
El-Rei D. Miguel , chronica popular do absolutismo, por Faustino da Fonseca, 1 vol. in-4. ^o com muitas illustrações.....	1\$200
Saudades , (Menina e moça), de Bernardim Ribeiro. Edição revista e corrigida, por Delfim Guimarães, 1 vol.....	200
Pela Vida fóra , por Silva Pinto. 1 vol. com muitas cartas de Camillo, Cesario Verde, etc , etc.....	800
Crises , romance brasileiro, pelo dr. Almachio Diniz, 1 vol.....	500
Relances da palestina , pelo P. ^e Mattos Ferreira, 1 vol. illustrado.....	500
Meia noite , peça em 3 actos de D. João da Camara, 1 vol.....	500
Aldeia na Côrte , peça em 3 actos, de D. João da Camara e Delfim Guimarães, 1 vol.....	500
Juramento Sagrado , 1 acto, de Delfim Guimarães.....	200

Pintores e poetas de Rilhafolles , por Julio Dantas. 1 vol. illustrado....	400
Ambições , romance de D. Anna de Castro Osorio, 1 vol.....	700
Werther , de Goethe, 1 vol.....	200
Um conchego de Solteirão , de Balsac, 1 vol.....	200
Nami-Ko , romance japonês, de Kenjiro Tokutomi, 1 vol.....	200
Lyra insubmissa , versos, por Abel Botelho, 1 vol.....	500
Relampagos , versos, por Fernando Leal 1 vol.....	600
Nós , versos, por Affonso Gayo, 1 vol.	500
Noites de Vigilia , por Silva Pinto, 4 vol.	1\$600
Arte de dizer , por José Antonio Moniz, 1 vol. illustrado.....	1\$000
Mario , romance de Silva Gayo, 1 vol. in-4.º, illustrado, 3.ª edição.....	1\$700
O Rosquedo , romance, por Delfim Guimarães, 1 vol.....	200
As Semi-Virgens , romance, por Marcel Prévost, 2 vol. illustrados.....	400
O Jardim dos Suplicios , por Octavio Mirbeau, 1 vol.....	200
A Burla do Casamento , romance por René Emmery, 1 vol. illustrado..	500
Memorias d'uma Chaise-longue , romance illustrado, 1 vol. (no prelo).	

Amor e liberdade, por Tolstoi, 1 vol. (no prelo).

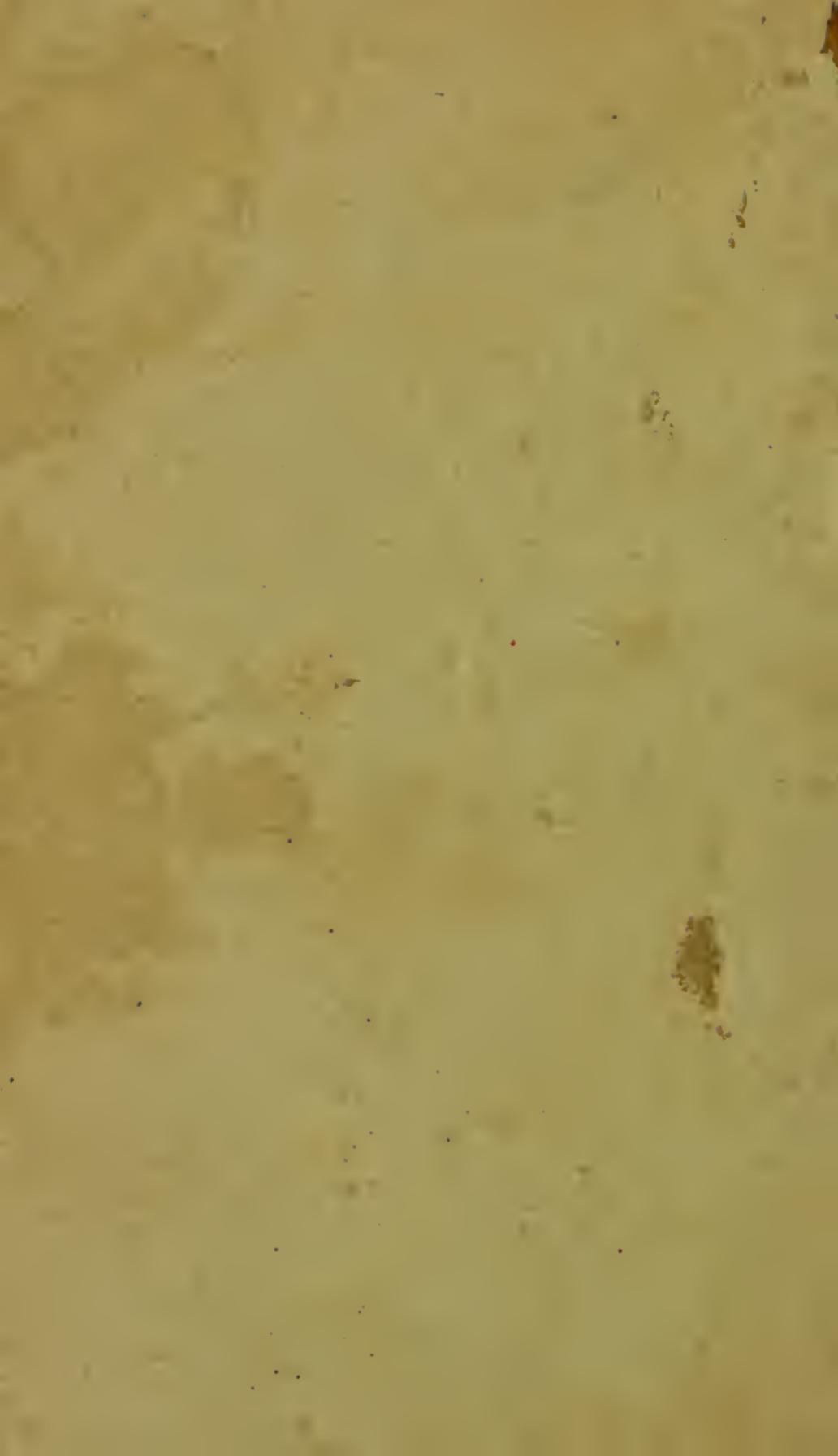
Casamento d'amor, romance de Theuriet, 1 vol. (no prélo).

Alma de Criança, romance de Dostoiewski, 1 vol. (no prélo).

Naná, romance de Zola, (em preparação).

Memorias de uma criada, romance de Octavio Mirbeau; (em preparação).





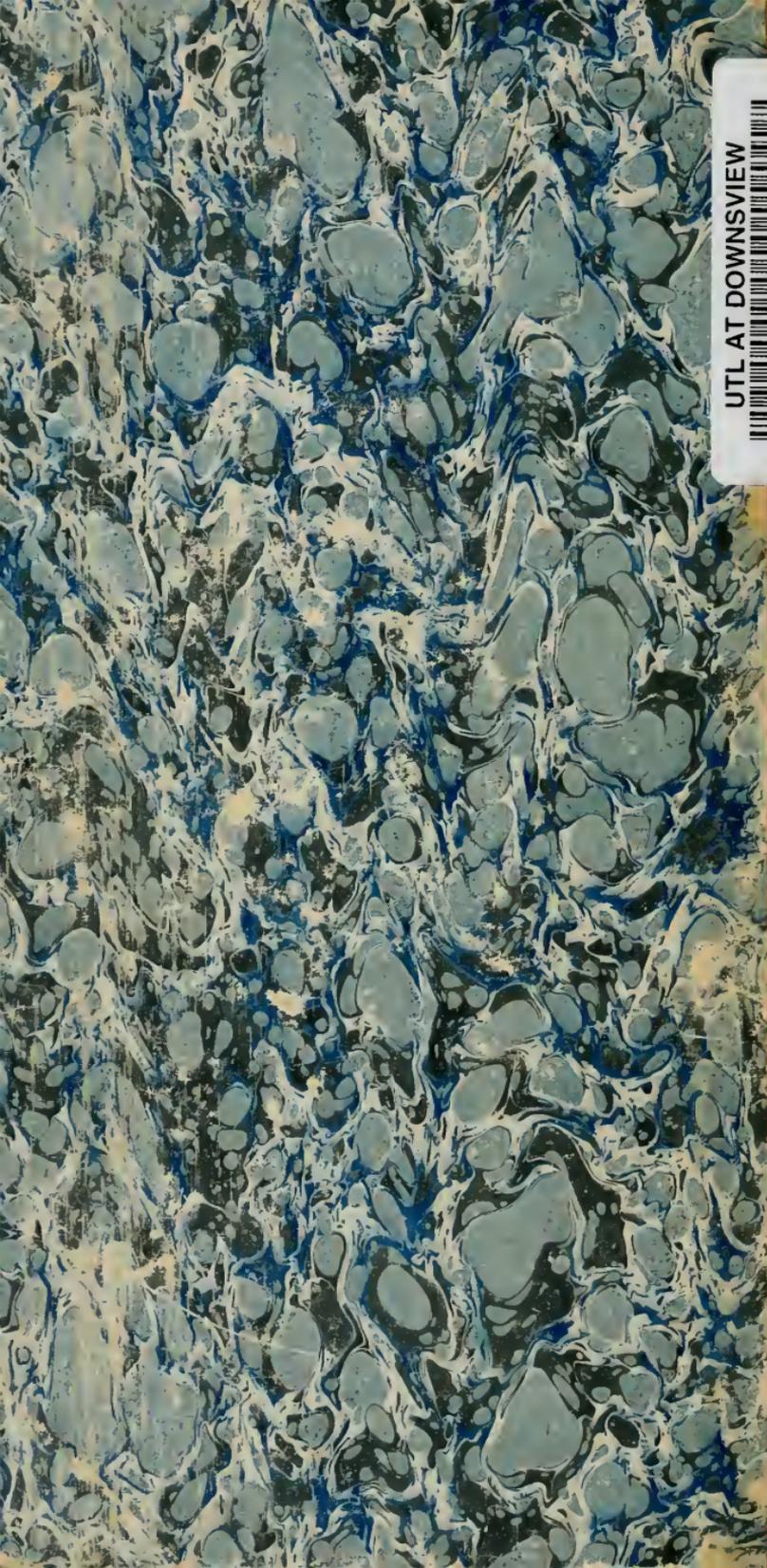


PQ
9261
G64M44

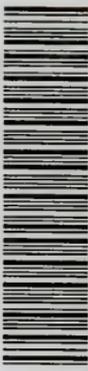
Gomes Leal, António Duarte
Mefistófeles em Lisboa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 10 10 006 8